

Maya Angelou

EU SEI
POR QUE
O PÁSSARO
CANTA
NA GAIOLA



*Este livro é
dedicado ao*

MEU FILHO, GUY JOHNSON,
E A TODOS OS FORTES E PROMISSORES
PÁSSAROS NEGROS
*que desafiam as probabilidades e os deuses
e cantam suas canções.*

PREFÁCIO

Por Oprah Winfrey

Eu tinha quinze anos quando descobri *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Foi uma revelação. Eu era uma leitora voraz desde o terceiro ano, mas, pela primeira vez, ali estava uma história que finalmente falava ao meu âmago. Fiquei maravilhada. Como essa autora, Maya Angelou, podia ter as mesmas experiências de vida, os mesmos sentimentos, desejos, percepções de uma pobre garota negra do Mississippi... eu?

Fiquei deslumbrada desde as primeiras páginas:

“Por que você está me olhando?

Eu não vim para ficar...

Só vim contar que é Páscoa.”

Eu era aquela garota que recitou versos de Páscoa — e trechos de poemas de Natal também. Eu era aquela garota que amava ler. Eu era aquela garota criada pela avó sulista. Eu era aquela garota estuprada aos nove anos, que se calou na hora de contar. Eu entendia por que Maya Angelou manteve o silêncio durante anos.

Eu me conectei a cada palavra dela.

Cada página revelou percepções e sentimentos que eu nunca tinha sido capaz de articular. Pensei: essa é uma mulher que me conhece, que me entende. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* se tornou meu talismã. Quando adolescente, tentei convencer todo mundo que eu conhecia a lê-lo. A autora tornou-se minha escritora favorita, alguém que eu idolatrava.

Eu sabia que era obra da providência divina quando, mais de dez anos depois, como jovem repórter em Baltimore, tive a oportunidade de entrevistar Maya Angelou depois de uma palestra em uma faculdade da região. “Eu juro”, insisti, “eu juro que se você me deixar falar com você, não vou ocupar mais de cinco minutos do seu tempo.” Fiel à minha palavra, às 16h58, eu disse para o câmera: “Terminamos”. E foi nessa hora que Maya Angelou virou, inclinou a cabeça de lado e, com um brilho no olhar, sorriu para mim e perguntou: “Quem é você, garota?”.

Primeiro, nos tornamos amigas; depois, nos tornamos amigas irmãs. Quando ela finalmente me disse que eu era sua filha, eu soube que tinha encontrado meu lar.

Sentada à mesa na cozinha de sua casa, na Valley Road, em Winston-Salem, Carolina do Norte, ouvindo-a ler poesia, a poesia da minha infância — Paul Laurence Dunbar, “Little brown baby wif spa’klin’ eyes” —, aquele era meu lugar favorito para estar: à mesa da cozinha, ou sentada aos seus pés, recostada no seu colo, gargalhando. Absorvendo o conhecimento, todas as coisas que Maya tinha a ensinar — a graça, o amor, tudo... meu coração transbordava quando eu estava com ela. Raramente nós tínhamos uma conversa telefônica durante a qual eu não tomava notas. Ela estava sempre ensinando. “Quando você aprender, ensine”, ela dizia, com frequência. “Quando receber, dê.” Eu era uma aluna dedicada, aprendendo com ela até o momento da nossa última conversa, no domingo antes de ela morrer. “Eu sou um ser humano”, ela sempre dizia, “portanto, nada de humano é estranho para mim.”

Maya Angelou era o que escrevia. Ela entendia que compartilhar sua verdade a conectava às maiores verdades humanas — saudade, abandono, segurança, esperança, surpresa, preconceito, mistério e,

finalmente, autodescoberta: a percepção de quem você realmente é e a liberação que o amor traz. E cada uma dessas verdades atemporais se desdobra nesse primeiro relato autobiográfico da sua vida.

Estou muito feliz (e sei que ela também) porque uma nova geração inteira de leitores vai poder conhecer a história de Maya Angelou e ficar mais empoderada para viver a sua própria.

Se é sua primeira vez (como foi a minha tantos anos atrás), ou se você está revisitando uma velha amiga (que é como me sinto ao voltar a estas páginas), você vai reparar que, mesmo quando era uma jovem escritora, Maya dominava o assunto que se destaca neste livro, o tema que se tornou seu canto da sereia, um mantra que ressoaria por todos os seus discursos, por seus poemas, por seu trabalho — e por sua vida.

Ela falava com orgulho, com audácia e com frequência:

“Nós somos mais parecidos do que somos diferentes!”

Essa verdade é o motivo de podermos todos ter empatia, de podermos todos ficar emocionados quando o pássaro canta na gaiola.

Djamila Ribeiro¹

Maya Angelou foi uma mulher multitalentosa. Escritora, cantora e roteirista, também interpretou, lecionou e viveu profundamente. Nascida em 1928, Marguerite Ann Johnson, mais conhecida como Maya, cresceu na casa da avó, no estado do Arkansas, sul dos Estados Unidos, nos tempos da segregação racial no país.

Sua vida foi marcada por inúmeras violências, mas não foram elas quem a definiu.

Sua paixão pelo o que fazia é algo que nos cativa até hoje. A primeira vez em que li *Ainda assim, eu me levanto*, uma força descomunal cresceu dentro de mim. *Mulher fenomenal*, que poderia ser chamado de “poema sobre Maya”, é um verdadeiro grito por autoestima e autodefinição das mulheres negras que rompem com uma visão colonizadora sobre seus corpos e suas vidas. O orgulho de ser quem se é e a exaltação da beleza e força, de forma humana e potente.

Esses poemas marcaram o início de minha vida adulta, possibilitando-me enxergar o mundo por outras matizes e cores. O mesmo aconteceu quando conheci *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*.

Essa obra monumental merece ser lida em doses, não é algo que se lê de uma vez. Alguns trechos tocam fundo na alma e precisam de tempo para serem sorvidos. Por mais tristes que sejam alguns episódios, é incrível ver o quanto a autora possui o que chamo de uma narrativa de

libertação.

Muitos denominam como superação, mas acho que essa palavra não exprime a escrita densa de Maya Angelou. Superar obstáculos ou tristezas que se impõem podem, muitas vezes, somente fazer algo diferente ou pular barreiras que insistem em aparecer. Maya escreve de modo a se libertar e a nos ajudar a sermos livres também. Liberdade aqui seria o além-superação, buscar transcender, encontrar novas formas de enxergar a vida. Maya Angelou foi uma mulher que não guardou silêncio, expôs suas dores e, ao fazê-lo, fez com que muitas histórias se conectassem e fossem contadas através de suas narrativas.

“Não existe agonia maior do que guardar uma história não contada dentro de você”, disse ela. Nesta obra, muitos silêncios são ditos, de forma tão alta que não são somente audíveis, mas transformadores.

1 Mestre e pesquisadora na área de Filosofia Política

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Vivian Baxter, e ao meu irmão, Bailey Johnson, que me encorajaram a lembrar. Agradeço ao Harlem Writers' Guild pela preocupação e a John O. Killens, que me disse que eu tinha capacidade de escrever. A Nana Kobina Nketsia IV, que insistiu que eu devia. Gratidão eterna a Gerard Purcell, que acreditou concretamente, e a Tony D'Amato, que entendeu. Agradeço a Abbey Lincoln Roach por dar título ao meu livro.

Um agradecimento final ao meu editor na Random House, Robert Loomis, que me empurrou com delicadeza de volta aos anos perdidos.

“Por que você está me olhando?
Eu não vim para ficar...”

Não que eu tivesse esquecido, eu não conseguia me fazer lembrar. Outras coisas eram mais importantes.

“Por que você está me olhando?
Eu não vim para ficar...”

Se eu conseguia ou não lembrar o resto do poema era irrelevante. A verdade da declaração era como um lenço amassado, encharcado nas minhas mãos, e quanto mais cedo eles aceitassem, mais rápido eu poderia abrir as mãos, e o ar refrescaria minhas palmas.

“Por que você está me olhando...?”

A seção infantil da Igreja Metodista Episcopal de Pessoas de Cor estava tremendo e rindo por causa do meu famoso esquecimento.

O vestido que eu estava usando era de tafetá lilás, e cada vez que eu respirava, ele fazia barulho, e agora que eu estava inspirando ar para expirar a vergonha, parecia papel crepom na traseira de rabeções.

Enquanto olhava Momma colocar babados na barra e fazer pregas ao redor da cintura, soube que quando o vestisse eu pareceria uma estrela de cinema. (Ele era de seda, e isso compensava a cor horrível.) Eu ia

parecer uma daquelas garotinhas brancas fofas que eram o sonho ideal de todos sobre o que era certo no mundo. Pendurado delicadamente por cima da máquina de costura Singer preta, parecia magia, e quando as pessoas me vissem com ele, elas correriam até mim e diriam “Marguerite (às vezes era ‘querida Marguerite’), nos perdoe, por favor, nós não sabíamos quem você era”. E eu responderia, com generosidade: “Não, vocês não tinham como saber. Claro que perdooo vocês”.

Apenas a ideia disso já me fez andar com pó de anjo salpicado no rosto durante dias. Mas o sol matinal de Páscoa mostrou que o vestido era um corte simples e feio, feito a partir de um tecido, um dia roxo, descartado por uma mulher branca. Era comprido como o de uma velha senhora, mas não escondia minhas pernas finas, que tinham sido besuntadas de Blue Seal Vaseline e cobertas de terra vermelha do Arkansas. A cor desbotada pelo tempo fazia minha pele parecer suja como lama, e todo mundo na igreja estava olhando para minhas pernas finas.

As pessoas não ficariam surpresas quando um dia eu acordasse do meu feio sonho negro, e meu cabelo de verdade, que era longo e louro, assumisse o lugar do capacete crespo que Momma não me deixava alisar? Meus olhos azul-claros as hipnotizariam, depois de todas as coisas que elas disseram, que “meu pai devia ter sido chinês” (eu achava que eles queriam dizer de porcelana, como uma xícara), porque meus olhos eram tão pequenos e apertados. Elas então entenderiam por que eu nunca peguei sotaque sulista, nem falava gírias comuns, e por que tinha que ser obrigada a comer rabo e focinho de porco. Porque, na verdade, eu era branca e uma fada-madrinha cruel, que sentia uma inveja compreensível da minha beleza, me transformou em uma garota Negra, grande demais, com cabelo preto crespo, pés grandes e um vão entre os dentes por onde passava um lápis número dois.

“Por que você está me olhando...” A esposa do pastor se inclinou na minha direção, o rosto comprido e amarelo cheio de pena. Ela sussurrou: “Só vim contar que é Páscoa”. Eu repeti, juntando todas as palavras, “Só vim contar que é Páscoa”, o mais baixo possível. As risadinhas

pairavam no ar como nuvens pesadas que estavam esperando para chover em mim. Levantei dois dedos perto do peito, o que queria dizer que eu precisava ir ao banheiro, e segui nas pontas dos pés para os fundos da igreja. Baixinho, em algum lugar acima da minha cabeça, ouvi senhoras dizendo: “Que o Senhor abençoe a criança” e “Louvado seja Deus”. Minha cabeça estava erguida e meus olhos estavam abertos, mas eu não vi nada. Na metade do corredor, a igreja explodiu com: “Vocês estavam lá quando crucificaram meu Senhor?”, e eu tropecei em um pé esticado vindo do banco das crianças. Cambaleei e tentei dizer alguma coisa, ou talvez gritar, mas um caqui verde, ou talvez tenha sido um limão, que estava entre as pernas começou a se espremer. Eu senti o azedo na língua e senti no fundo da boca. E, antes de chegar à porta, o ardor estava queimando pelas minhas pernas, até as minhas meias de domingo. Tentei segurar, sugar tudo de volta para impedir que escorresse tão rápido, mas, quando cheguei à varanda da igreja, eu soube que teria que parar de segurar. Senão acabaria subindo de volta para a minha cabeça, e minha pobre cabeça explodiria como uma melancia largada no chão, e todo o cérebro e cuspe e língua e olhos se espalhariam para todo lado. Assim, corri pelo pátio e soltei. Corri, mijando e chorando, não na direção do banheiro nos fundos, mas para nossa casa. Eu levaria uma surra por isso, sem dúvida, e as crianças malvadas teriam uma coisa nova como desculpa para pegar no meu pé. De toda forma, eu ri, em parte por causa da doce libertação; ainda assim, a maior alegria veio não só de estar livre da igreja boba, mas de saber que eu não morreria de cabeça estourada.

Se crescer é doloroso para a garota Negra do sul, estar ciente do seu não pertencimento é a ferrugem na navalha que ameaça a garganta.

É um insulto desnecessário.

1

Nós chegamos à cidadezinha bolorenta quando eu tinha três anos e Bailey tinha quatro. As etiquetas nos nossos pulsos diziam — “A quem possa se interessar” — que éramos Marguerite e Bailey Johnson Jr., de Long Beach, Califórnia, a caminho de Stamps, Arkansas, aos cuidados da sra. Annie Henderson.

Nossos pais tinham decidido pôr fim ao calamitoso casamento, e nosso pai nos mandou para a casa da mãe dele. Um funcionário da ferrovia foi encarregado do nosso bem-estar — ele saltou do trem no dia seguinte, no Arizona —, e nossas passagens foram presas no bolso interno do paletó do meu irmão.

Não me lembro de muita coisa da viagem, mas, depois que chegamos à segregada parte sul do trajeto, as coisas devem ter começado a melhorar. Passageiros Negros, que sempre viajavam com lancheiras lotadas, sentiam pena dos “pobres queridos sem mãe” e nos ofereciam frango frito frio e salada de batata.

Anos depois, descobri que os Estados Unidos foram atravessados milhares de vezes por crianças Negras assustadas, viajando sozinhas até seus novos e prósperos pais em cidades do norte, ou de volta até os avós

em cidades do sul quando o norte urbano faltou com suas promessas econômicas.

A cidade reagiu a nós como os habitantes reagiram a todas as coisas novas antes da nossa chegada. Observou-nos por um tempo com curiosidade, mas cautelosamente e, depois que fomos identificados como inofensivos (e crianças), fechou-se à nossa volta, como uma mãe de verdade recebe o filho de um estranho. De forma calorosa, mas não com familiaridade demais.

Nós morávamos com nossa avó e nosso tio nos fundos do Mercado (era sempre citado com um *m* maiúsculo), do qual ela era dona havia mais de vinte e cinco anos.

No começo do século, Momma (nós logo paramos de chamá-la de avó) vendia almoço para os serradores da madeireira (leste de Stamps) e para os sementeiros da colheita de algodão (que eram do oeste de Stamps). As tortas sequinhas de carne e a limonada gelada, quando unidas à capacidade milagrosa de estar em dois lugares ao mesmo tempo, garantiam sucesso ao negócio. Depois de ser um restaurante móvel, ela montou uma barraquinha entre os dois pontos de interesse de vendas e satisfez as necessidades dos trabalhadores por alguns anos. Em seguida, mandou construir o Mercado no coração da área dos Negros. Ao longo dos anos, tornou-se o centro laico de atividades na cidade. Aos sábados, barbeiros atendiam os clientes na sombra da varanda do Mercado, e trovadores nas andanças incessantes pelo sul se encostavam aos bancos e cantavam as canções tristes de The Brazos enquanto tocavam berimbaus de boca e violões estilo cigar box.

O nome formal do Mercado era Wm. Johnson General Merchandise Store. Os clientes encontravam alimentos básicos, uma boa variedade de linhas coloridas, ração para porcos, milho para galinhas, óleo para lampiões, lâmpadas para os ricos, cadarços, enfeites de cabelo, balões e sementes de flores. Qualquer coisa que não estivesse visível era só ser encomendada.

Até ficarmos familiarizados o suficiente para pertencer ao Mercado e ele a nós, ficávamos trancados em uma Casa Maluca das Coisas cuja

atendente tinha ido embora para sempre.

A cada ano, eu observava o campo em frente ao Mercado ficar verde-lagarta e depois gradualmente branco-géada. Sabia exatamente quanto tempo demoraria para as carroças grandes pararem no pátio da frente e serem carregadas de catadores de algodão ao amanhecer para transportá-los para os restos de fazendas de escravos.

Durante a época da colheita, minha avó saía da cama às quatro horas da manhã (ela nunca usava despertador), se ajoelhava com dificuldade e cantarolava com a voz carregada de sono: “Pai nosso, obrigada por me deixar ver este novo dia. Obrigada por não permitir que a cama onde me deitei na noite de ontem fosse o leito do meu cadáver e nem que meu cobertor fosse minha mortalha. Guie meus pés no dia de hoje pela estrada reta e estreita, e me ajude a colocar freio na minha língua. Abençoe esta casa e todo mundo nela. Obrigada em nome do seu Filho, Jesus Cristo, amém”.

Antes de se levantar completamente, ela chamava nossos nomes e dava ordens, e enfiava os pés grandes em chinelos caseiros e os arrastava pelo piso de madeira tratado com lixívia para acender o lampião a óleo.

As luzes dos lampiões no Mercado davam uma sensação de faz de conta ao nosso mundo, que me dava vontade de sussurrar e andar nas pontas dos pés. Os odores de cebola, laranja e querosene tinham ficado se misturando a noite toda e só seriam perturbados quando a ripa de madeira fosse tirada da porta e o ar da manhã abrisse caminho até os grupos de pessoas que tinham caminhado quilômetros para chegar ao ponto de coleta.

“Irmã, quero duas latas de sardinha.”

“Vou trabalhar tão rápido hoje que vou fazer você parecer um poste.”

“Me dá um pedaço desse queijo e uns biscoitos salgados.”

“Só me dá dois pedaços gordos de pé de moleque.” Isso dito por um catador que estava pegando o almoço. O saco de papel marrom oleoso estava preso por dentro da aba do macacão. Ele usava o doce como

petisco antes do sol do meio-dia obrigar os trabalhadores a descansar.

Naquelas manhãs suaves, o Mercado ficava cheio de gargalhadas, brincadeiras, vanglórias e fanfarrônicas.

Um homem ia colher noventa quilos de algodão, e outro cento e quarenta. Até as crianças prometiam levar para casa cinquenta ou setenta e cinco centavos.

Quem mais colhesse no dia anterior era o herói do amanhecer. Se ele profetizasse que o algodão seria esparso naquele dia e grudaria no casulo como cola, todo mundo que ouvisse grunhia em concordância vigorosa.

O som dos sacos vazios de algodão arrastados no chão e o murmúrio das pessoas recém-acordadas eram cortados pela caixa registradora conforme registrávamos as vendas de cinco centavos.

Se os sons e cheiros da manhã tinham um toque de sobrenatural, o final da tarde tinha todas as características de uma vida normal do Arkansas. Na luz do sol poente, as pessoas se arrastavam em vez de arrastarem os sacos vazios de algodão.

Levados de volta ao Mercado, os catadores saíam das caçambas dos caminhões e saltavam para o chão, decepcionados com a terra. Por melhor que tivesse sido a colheita, não era suficiente. O pagamento não os tirava nem da situação de dívida com a minha avó, isso sem mencionar a conta gigantesca que os esperava no mercado branco do centro.

Os sons da nova manhã tinham sido substituídos por resmungos sobre casas trapaceiras, balanças alteradas, cobras, algodão fino e filas empoeiradas. Em anos seguintes, eu confrontaria a imagem estereotipada dos alegres catadores cantarolantes de algodão com uma fúria tão excessiva que até colegas Negros me disseram que minha paranoia era constrangedora. Mas eu tinha visto os dedos cortados pelos cruéis casulinhos de algodão, e tinha testemunhado as costas, os ombros, os braços e as pernas resistindo a qualquer outra exigência.

Alguns dos trabalhadores deixavam seus sacos no Mercado, para pegá-los na manhã seguinte, mas alguns precisavam levá-los para casa para consertos. Eu me arrepiava ao imaginá-los costurando o material

grosseiro embaixo de um lampião a óleo com dedos endurecidos pelo dia de trabalho. Em poucas horas, eles teriam que voltar para o Mercado da Irmã Henderson, pegar mantimentos e subir, novamente, nos caminhões. Em seguida, enfrentariam outro dia tentando ganhar o suficiente para o ano todo sabendo que terminariam a temporada da mesma forma que tinham começado. Sem dinheiro e sem o crédito necessário para sustentar uma família por três meses.

Na época da colheita de algodão, os fins de tarde revelavam a dureza da vida Negra sulista, que no começo da manhã tinha sido suavizada pela natureza, pelas bênçãos do entorpecimento, do esquecimento e da luz fraca dos lampiões.

2

Quando Bailey tinha seis anos e eu era um ano mais nova, nós percorríamos a tabuada com a velocidade que mais tarde vi as crianças chinesas de São Francisco usarem em seus ábacos. Nosso fogão cinza-verão barrigudo brilhava em vermelho-rosado durante o inverno e se tornou uma ameaça severa de castigo se fôssemos tolos a ponto de nos permitir cometer erros.

Tio Willie se sentava como um Z preto gigante (ele ficou aleijado quando criança) e nos ouvia declarar as capacidades das escolas do condado de Lafayette. O rosto era repuxado para o lado esquerdo, como se uma roldana estivesse presa nos dentes inferiores, e a mão esquerda era só um pouquinho maior do que a de Bailey, mas no segundo erro ou na terceira hesitação, a grande mão direita pegava um de nós pela gola, e no mesmo momento empurrava o culpado na direção do aquecedor vermelho, que latejava como a dor de dente do diabo. Nós nunca nos queimamos, se bem que uma vez eu podia ter me queimado, quando estava tão apavorada que tentei pular no fogão para afastar a possibilidade de ele continuar sendo uma ameaça. Como a maioria das crianças, eu achava que, se conseguisse enfrentar voluntariamente o

pior perigo e *triunfar*, teria poder sobre ele para sempre. Mas fui contida no meu sacrifício. O tio Willie segurou meu vestido com força, e só me aproximei do fogão o suficiente para sentir o cheiro limpo e seco de ferro quente. Nós aprendemos a tabuada sem entender o grande princípio, simplesmente porque tínhamos a capacidade e não tínhamos a alternativa.

A tragédia da deficiência parece tão injusta para as crianças que elas ficam constrangidas diante de uma. E, saídas mais recentemente do molde da natureza, as crianças sentem que escaparam por pouco de serem mais uma de suas piadas. Aliviadas por terem passado tão perto, elas exprimem as emoções com impaciência e críticas ao azarado aleijado.

Momma relatava vezes sem fim, e sem sinal nenhum de emoção, como tio Willie foi derrubado quando tinha três anos por uma mulher que estava cuidando dele. Ela parecia não ter rancor nenhum pela babá, pois para ela tinha sido Deus quem permitiu o acidente. Ela sentia necessidade de explicar sem parar para quem conhecia a história de cor que ele não tinha “nascido daquele jeito”.

Na nossa sociedade, em que homens Negros fortes, com duas pernas e dois braços conseguiam no máximo obter as necessidades básicas da vida, o tio Willie, com as camisas engomadas, sapatos engraxados e prateleiras cheias de comida, era o bode expiatório e alvo de piadas dos mal-empregados e mal pagos. O destino não só o incapacitou, mas também colocou uma barreira dupla em seu caminho. Ele também era orgulhoso e delicado. Portanto, não podia fingir que não era aleijado, e nem podia enganar a si mesmo sobre como seu defeito causava repugnância nas pessoas.

Só uma vez em todos os anos tentando não olhar para ele foi que eu o vi fingir para si mesmo e para os outros que ele não era coxo.

Voltando da escola um dia, vi um carro escuro estacionado no nosso pátio da frente. Corri para dentro de casa e encontrei um estranho e uma estranha (tio Willie disse depois que eles eram professores de Little Rock) bebendo Dr Pepper no frescor do Mercado.

Senti algo de errado à minha volta, como um alarme tocando sem ter sido armado.

Eu sabia que não podiam ser os estranhos. Não era frequente, mas às vezes viajantes paravam vindos da estrada principal para comprar tabaco ou refrigerantes no único mercado de Negros de Stamps. Quando olhei para o tio Willie, soube o que estava dando um nó na minha mente. Ele estava parado ereto atrás do balcão, não inclinado para a frente e nem apoiado na pequena prateleira que tinha sido construída para ele. Ereto. Seus olhos pareceram me encher com uma mistura de ameaças e apelos.

Cumprimentei os estranhos educadamente e passei os olhos ao redor procurando a bengala dele. Não estava em lugar nenhum. Ele disse: “Hmmm... essa essa... essa... hã, minha sobrinha. Ela... hã... acabou de chegar da escola”. E, para o casal: “Vocês sabem... como, hã, as crianças são... a-a-atualmente... elas brincam o d-d-dia todo na escola e m-m-mal podem esperar para chegar em casa e b-brincar mais”.

As pessoas sorriram, muito simpáticas.

Ele acrescentou: “Vá b-brincar, Irmã”.

A moça riu com uma voz suave do Arkansas e disse: “Bom, você sabe, sr. Johnson, dizem que só se é criança uma vez. Você tem filhos?”.

Tio Willie olhou para mim com uma impaciência que eu não via em seu rosto mesmo quando ele levava trinta minutos para amarrar o cadarço dos sapatos de cano alto. “Eu... eu achei que tinha mandado você ir... lá fora brincar.”

Antes de sair, eu o vi se apoiar nas prateleiras dos tabacos de mascar, Levi Garrett, Prince Albert e Spark Plug.

“Não, senhora... não tenho f-filhos e nem esposa.” Ele tentou rir. “Eu tenho uma m-m-mãe velha e os d-dois filhos do meu irmão para c-cuidar.”

Não me importei de ele nos usar para passar uma boa imagem. Na verdade, teria fingido ser sua filha se ele quisesse. Além de eu não sentir nenhuma lealdade por meu próprio pai, achava que, se fosse filha do tio Willie, eu teria recebido um tratamento bem melhor.

O casal foi embora depois de alguns minutos, e dos fundos da casa eu vi o carro vermelho assustar as galinhas, levantar poeira e desaparecer na direção de Magnolia.

O tio Willie estava seguindo pelo longo corredor escuro entre as prateleiras e a bancada, uma mão sobre a outra, como um homem saindo de um sonho. Fiquei quieta e o vi pular de um lado e esbarrar no outro, até chegar ao tanque de óleo. Ele colocou a mão atrás do cantinho escuro e pegou a bengala no punho forte e apoiou seu peso nela. Achou que tinha tido sucesso.

Nunca vou saber por que era importante para ele que aquele casal (ele disse depois que nunca os tinha visto antes) levasse uma imagem de um sr. Johnson inteiro para Little Rock.

Ele devia estar cansado de ser aleijado, como prisioneiros se cansam das grades de penitenciária e os culpados se cansam da culpa. Os sapatos de cano alto e a bengala, seus músculos incontrolláveis e fala arrastada e os olhares que ele recebia de desprezo ou pena o esgotaram, e por uma tarde, ou horas de uma tarde, ele não queria nenhuma parte disso.

Eu entendia, e me senti mais próxima dele naquele momento do que em qualquer outro, antes e depois.

Durante esses anos em Stamps, conheci e me apaixonei por William Shakespeare. Ele foi meu primeiro amor branco. Apesar de eu gostar e respeitar Kipling, Poe, Butler, Thackeray e Henley, guardei minha paixão jovem e leal por Paul Laurence Dunbar, Langston Hughes, James Weldon Johnson e “Litania em Atlanta” de W.E.B. Du Bois. Mas foi Shakespeare quem disse: “Quando em desgraça, sem fortuna e afastado dos homens”. Era um estado com o qual eu me sentia muito familiarizada. Eu me tranquilizei quanto à sua brancura dizendo que, afinal, ele estava morto havia tanto tempo que não podia ter mais importância para ninguém.

Bailey e eu decidimos decorar uma cena de *O mercador de Veneza*,

mas percebemos que Momma nos questionaria sobre o autor e que teríamos que contar que Shakespeare era branco, e não importaria para ela se ele estava morto ou não. Então, escolhemos “A criação”, de James Weldon Johnson.

3

Pesar os duzentos gramas de farinha sem contar a colher e os colocar sem poeira nos sacos finos de papel era um tipo simples de aventura para mim. Desenvolvi um olho para medir como uma concha de prata cheia de farinha, ração, fubá, açúcar ou milho tinha que estar para chegar ao indicador da balança de duzentos gramas. Quando eu era precisa, nossos clientes costumavam dizer com admiração: “A Irmã Henderson tem uns netos inteligentes”. Se errasse a favor do mercado, as mulheres de olhos de águia diriam: “Coloque mais nesse saco, criança. Não tente obter lucro à minha custa”.

Nesses casos, eu punia a mim mesma de forma silenciosa e persistente. Para cada avaliação ruim, a multa era ficar sem Kisses embrulhados em papel prateado, as doces gotas de chocolate que eu amava mais do que tudo no mundo, menos Bailey. E talvez abacaxi em calda. Minha obsessão por abacaxis quase me deixou louca. Eu sonhava com os dias em que seria adulta e poderia comprar uma lata inteira só para mim.

Apesar de os anéis dourados e adocicados ficarem nas latas exóticas

nas nossas prateleiras o ano todo, nós só os provávamos no Natal. Momma usava o sumo para fazer bolos de fruta quase pretos. Em seguida, enchia frigideiras pesadas cobertas de fuligem de anéis de abacaxi para fazer bolos invertidos deliciosos. Bailey e eu recebíamos uma fatia cada um, e eu carregava a minha de um lado para o outro durante horas, repartindo a fruta até não ter sobrado nada além do perfume nos meus dedos. Gosto de pensar que meu desejo por abacaxis era tão sagrado que eu não me permiti roubar uma lata (o que era possível) e comê-la sozinha no jardim, mas tenho certeza de que devo ter avaliado a possibilidade do aroma me expor e não tive a coragem para uma tentativa.

Até eu ter treze anos e ir embora do Arkansas de vez, o Mercado era meu lugar favorito. Sozinho e vazio durante a manhã, parecia um presente fechado dado por um estranho. Abrir as portas da frente era soltar a fita de um presente inesperado. A luz entrava suavemente (nós estávamos virados para o norte), se espalhando pelas prateleiras de cavalinhas, salmões, tabaco, linha. Ia parar direto na bacia de banha e, na hora do almoço durante o verão, a gordura ficava mole como uma sopa densa. Sempre que entrava no Mercado à tarde, eu sentia que ele estava cansado. Só eu conseguia ouvir a pulsação lenta do trabalho parcialmente executado. Mas, pouco antes da hora de dormir, depois que numerosas pessoas tinham entrado e saído, discutido por causa das contas ou feito piadas sobre os vizinhos, ou talvez só passado “para dar um ‘oi’ à Irmã Henderson”, a promessa de manhãs mágicas voltava ao Mercado e se espalhava pela família em ondas vitais.

Momma abria as caixas de biscoitos salgados e nós nos sentávamos em volta do bloco de carne nos fundos do mercado. Eu partia cebolas e Bailey abria duas ou até três latas de sardinhas, permitindo que o líquido composto de óleo e pedacinhos de peixe escorresse pelas laterais. Esse era o jantar. À noite, quando ficávamos sozinhos assim, o tio Willie não gaguejava nem tremia, nem dava indicação de ter passado por um “mal”. Parecia que a paz do fim do dia era uma garantia de que o acordo que Deus tinha feito com as crianças, os Negros e os aleijados ainda estava

valendo.

Jogar punhados de milho para as galinhas e misturar ração seca com restos de comida e água oleosa da lavagem de louça para os porcos estavam entre nossas tarefas da noite. Bailey e eu andávamos por trilhas no crepúsculo até os chiqueiros e, parados no primeiro degrau da cerca, virávamos a mistura desagradável no comedor para os agradecidos animais. Eles enfiavam os focinhos rosados e macios na gosma, remexiam e grunhiam de satisfação. Nós sempre grunhíamos uma resposta, como uma meia brincadeira. Também estávamos agradecidos de termos terminado a mais suja das tarefas e só estarmos com fedor nos sapatos, meias, pés e mãos.

No fim de um dia, quando estávamos cuidando dos porcos, ouvi um cavalo no pátio da frente (devia se chamar estradinha, mas não havia nada para se dirigir nela) e corri para descobrir quem tinha ido a cavalo até lá em uma noite de quinta-feira, quando até o sr. Stewart, o homem amargo que tinha um cavalo de montaria, estaria descansando junto ao fogo quente até a manhã o chamar para revolver o campo.

O antigo xerife estava montado no cavalo. A indiferença dele tinha a intenção de passar autoridade e poder até sobre os animais irracionais. Do que mais ele seria capaz com Negros? Isso nem precisava ser dito.

A voz anasalada percorreu o ar seco. Da lateral do Mercado, Bailey e eu o ouvimos dizer para Momma: “Annie, diga para Willie que é melhor ele se esconder esta noite. Um crioulo maluco se meteu com uma moça branca hoje. Alguns dos garotos vêm aqui mais tarde”. Mesmo depois do passar dos anos, eu me lembro do sentimento de medo que encheu minha boca de ar quente e seco e deixou meu corpo leve.

“Garotos”? Aqueles rostos de cimento e olhos de ódio que queimavam suas roupas no seu corpo se por acaso vissem você passeando na rua principal do centro do sábado. Garotos? Parecia que a juventude nunca tinha acontecido para eles. Garotos? Não, homens cobertos de pó de túmulo e idade sem beleza nem aprendizado. A feiura e a podridão de

velhas abominações.

Se no Julgamento Final eu fosse convocada por São Pedro para dar testemunho sobre o ato de gentileza do antigo xerife, seria incapaz de dizer qualquer coisa a favor dele. A confiança que ele tinha de que meu tio e todos os outros homens Negros que ouvissem a caravana da Klan chegando correriam para debaixo de casa para se esconderem no meio de cocô de galinha era humilhante demais para ouvir.

Sem esperar o agradecimento de Momma, ele saiu cavalgando do pátio, seguro de que as coisas estavam como deviam ser e de que ele era um cavalheiro gentil, poupando os servos merecedores das leis da terra, com as quais ele compactuava.

Imediatamente, enquanto os cascos do cavalo ainda batiam com barulho alto no chão, Momma apagou os lampiões a óleo. Ela teve uma conversa baixa e dura com o tio Willie, e chamou a mim e Bailey para o Mercado.

Recebemos a ordem de tirar as batatas e cebolas dos cestos e derrubar as paredes divisórias que as separavam. Em seguida, com lentidão tediosa e temerosa, o tio Willie me deu a bengala com ponta de borracha e se inclinou para entrar no cesto agora maior. Demorou uma eternidade para ele conseguir se deitar, e depois o cobrimos de batatas e cebolas, uma camada atrás da outra, como uma caçarola. Vovó se ajoelhou e ficou orando no Mercado escuro.

Foi nossa sorte que os “garotos” não cavalgaram até nosso pátio naquela noite e nem insistiram que Momma abrisse o Mercado. Teriam encontrado o tio Willie e o teriam linchado. Ele gemeu a noite toda como se fosse mesmo culpado de um crime hediondo. Os sons pesados subiam pela cobertura de legumes, e eu imaginei sua boca caída de um lado e a saliva escorrendo nos olhos das novas batatas, para esperar como gotas de orvalho esperam pelo calor da manhã.

O que diferencia uma cidade sulista de outra, ou de uma cidade ou povoado do norte, ou de uma cidade com prédios? A resposta deve ser a experiência compartilhada entre a maioria desconhecida (ela) e a minoria conhecida (você). Todas as perguntas não respondidas da infância precisam finalmente ser passadas para a cidade e respondidas lá. Heróis e bichos-papões, valores e desgostos são primeiro encontrados e rotulados nesse ambiente inicial. Em anos posteriores, eles mudam de face, lugar e talvez raça, tática, intensidade e objetivo, mas por baixo dessas máscaras penetráveis eles usam para sempre os rostos com capuz da infância.

O sr. McElroy, que morava na casa grande e espalhada ao lado do Mercado, era muito alto e muito largo, e apesar de os anos terem lhe consumido a carne dos ombros, não tinham, quando eu o conheci, chegado ao estômago, nem às mãos e aos pés.

Exceto pelo diretor da escola e pelos professores visitantes, ele era o único Negro que eu conhecia que usava calça e paletó combinando. Quando soube que roupas de homens eram vendidas assim e se

chamavam terno, eu me lembro de ter pensado que alguém tinha sido muito inteligente, pois deixava os homens menos masculinos, menos ameaçadores e um pouco mais parecidos com mulheres.

O sr. McElroy nunca ria e raramente sorria, e a seu favor estava o fato de que gostava de conversar com o tio Willie. Nunca ia à igreja, o que Bailey e eu achávamos que também provava que ele era uma pessoa muito corajosa. Como seria ótimo crescer assim, ser capaz de olhar a religião com desprezo, principalmente morando ao lado de uma mulher como Momma.

Eu o observava com a empolgação de quem esperava que ele fizesse qualquer coisa a qualquer momento. Nunca me cansava disso, nem me decepcionava ou me desencantava com ele, embora, com a idade, eu o veja agora como um homem muito simples e desinteressante que vendia remédios e tônicos patenteados para as pessoas menos sofisticadas das cidades (povoados) que cercavam a metrópole de Stamps.

Parecia haver um acordo entre o sr. McElroy e a vovó. Isso era óbvio para nós porque ele nunca nos expulsava de seu terreno. No sol tardio do verão, eu costumava me sentar embaixo do cinamomo no quintal dele, cercada pelo aroma amargo da fruta e atraída pelo zumbido de moscas que se alimentavam delas. Ele ficava sentado em um balanço na varanda, se balançando no terno marrom de três peças e o chapéu Panamá de aba larga balançando no ritmo do zumbido dos insetos.

Um cumprimento por dia era o que se podia esperar dele. Depois do “bom dia, criança” ou “boa tarde, criança”, ele nunca dizia uma palavra, mesmo que eu o encontrasse novamente na estrada na frente de sua casa ou perto do poço, ou esbarrasse nele atrás da casa, fugindo em uma brincadeira de esconde-esconde.

Ele permaneceu sendo um mistério da minha infância. Um homem que era dono das próprias terras e da casa grande com muitas janelas e uma varanda que contornava a casa toda. Um homem Negro independente. Quase um anacronismo em Stamps.

Bailey era a pessoa mais importante do meu mundo. E o fato de ele ser meu irmão, meu único irmão, e de eu não ter irmãs com quem

dividi-lo, era uma sorte tão grande que me fazia querer viver uma vida cristã só para mostrar a Deus que eu estava agradecida. Enquanto eu era grande, desengonçada e barulhenta, ele era pequeno, gracioso e suave. Enquanto eu era descrita pelos nossos amigos de brincadeiras como sendo da cor de merda, ele era elogiado pela pele negra de veludo. O cabelo dele caía em cachos pretos, e minha cabeça era coberta de palha de aço preta. Mas ele me amava.

Quando os mais velhos diziam coisas grosseiras sobre minhas feições (minha família era bonita a ponto de me provocar sofrimento), Bailey piscava para mim do outro lado da sala, e eu sabia que era questão de tempo até ele se vingar. Ele deixava que as senhoras terminassem de questionar como era possível eu ter nascido e perguntava, com voz melosa como gordura de bacon: “Ah, sra. Coleman, como está seu filho? Eu vi ele outro dia, e ele parecia doente a ponto de morrer”.

Chocada, a velha senhora perguntava: “Morrer? De quê? Ele não está doente”.

E, com voz mais lubrificada do que antes, ele respondia de cara séria: “De feiura”.

Eu segurava o riso, mordida a língua, trincava os dentes e apagava até um toque de sorriso do rosto. Mais tarde, atrás da casa, junto da noqueira-preta, nós morríamos de rir até uivar.

Bailey podia contar com pouquíssimos castigos por seu comportamento consistentemente ofensivo, pois ele era o orgulho da família Henderson/Johnson.

Seus movimentos, como ele descreveria mais tarde os de um conhecido, eram ativados com precisão milimétrica. Também era capaz de encontrar mais horas no dia do que eu achava que existiam. Ele terminava tarefas, deveres, lia mais livros do que eu e brincava de jogos coletivos na lateral da colina com os melhores. Até podia rezar em voz alta na igreja, e era capaz de roubar picles do barril que ficava embaixo da bancada de frutas debaixo do nariz do tio Willie.

Uma vez, quando o Mercado estava cheio de clientes no horário de almoço, ele enfiou a peneira que nós também usávamos para tirar

gorgulho de fubá e farinha no barril e pegou dois picles gordos. Pegou-os e prendeu a peneira na lateral do barril, onde os picles ficaram pingando até ele estar pronto para comê-los. Quando finalmente o sinal da escola tocou, ele pegou os picles quase secos na peneira, enfiou nos bolsos e jogou a peneira atrás das laranjas. Nós saímos correndo do Mercado. Era verão e sua calça era curta, então o sumo dos picles deixaram marcas limpas nas pernas poeirentas, e ele pulou com os bolsos cheios de pilhagem e os olhos rindo com um “Que tal isso?”. Ele cheirava a barril de vinagre ou a bebida amarga.

Depois que nossas primeiras tarefas estavam feitas, enquanto tio Willie ou Momma cuidavam do Mercado, podíamos brincar como crianças desde que ficássemos à distância de um grito, caso precisassem nos chamar.

Quando brincávamos de pique-esconde, a voz de Bailey era facilmente identificável cantarolando “Ontem à noite, na noite anterior, vinte e quatro ladrões na minha porta. Quem está escondido? Me peçam para deixar entrar, acertar a cabeça deles com o rolo de massa. Quem está escondido?”. Brincando de Seu Mestre mandou, naturalmente ele era quem criava as coisas mais ousadas e interessantes para fazer. E quando estava na ponta do chicotinho, ele fugia com rapidez, girando, gritando, rindo e finalmente parando pouco antes de meu coração deixar de bater. E aí ele voltava para a brincadeira, ainda rindo.

De todas as necessidades (e nenhuma é imaginária) que uma criança solitária tem, a que tem que ser satisfeita, se vai haver esperança e uma esperança de totalidade, é a necessidade inabalada de um Deus inabalável. Meu lindo irmão Negro era meu reino dos céus.

Em Stamps, o costume era enlatar tudo que podia ser preservado. Durante a temporada de caça, depois da primeira geada, todos os vizinhos se ajudavam a matar porcos e até as vacas silenciosas de olhos grandes, se elas tivessem parado de dar leite.

As missionárias da Igreja Metodista Episcopal Cristã ajudavam Momma a preparar a carne de porco para salsicha. Elas enfiavam os braços gordos até os cotovelos na carne moída misturada com o pó cinza que abria as vias nasais feito de sálvia, pimenta e sal, e davam amostras deliciosas para todas as crianças obedientes que levassem madeira para o fogão preto. Os homens cortavam os pedaços maiores de carne e as colocavam no defumadouro para começar o processo de cura. Abriam a articulação dos pernis com facas de aparência mortal, tiravam um certo osso redondo inofensivo (“pode fazer a carne estragar”) e esfregavam na carne o sal, um sal marrom grosso que parecia cascalho fino, fazendo o sangue subir à superfície.

Ao longo do ano, até a próxima geada, nós pegávamos nossas refeições do defumadouro, do pequeno jardim que ficava pertinho do Mercado e das prateleiras de comida enlatada. Havia opções nas prateleiras que podiam deixar a boca de uma criança faminta aguando. Vagem, sempre cortada no comprimento certo, couve, repolho, conservas vermelhas e suculentas de tomate que vinham com pãezinhos amanteigados, e salsichas, beterrabas, frutas silvestres e todas as outras frutas plantadas no Arkansas.

Mas pelo menos duas vezes por ano Momma achava que, como crianças, devíamos ter carne fresca em nossa dieta. Nós recebíamos dinheiro — moedas de um, de dez e de vinte e cinco centavos que eram confiadas a Bailey — e éramos enviados à cidade para comprar fígado.

Como os brancos tinham geladeira, os açougueiros deles compravam a carne de abatedouros comerciais em Texarkana e vendiam para os ricos mesmo no auge do verão.

Para atravessar a área Negra de Stamps, que na medida estreita da infância parecia um mundo inteiro, nós éramos forçados pelo costume a parar e falar com todas as pessoas que encontrávamos, e Bailey se sentia obrigado a passar alguns minutos brincando com cada amigo.

Havia uma alegria em ir para a cidade com dinheiro no bolso (os bolsos de Bailey eram a mesma coisa que se fossem meus) e tempo nas mãos. Mas o prazer sumia quando chegávamos na parte branca da

cidade.

Depois que saíamos do Do Drop Inn, do sr. Willie Williams, a última parada antes da terra dos brancos, nós tínhamos que cruzar o lago e nos aventurar pelos trilhos da ferrovia. Éramos como exploradores andando sem armas pelo território de animais comedores de gente.

Em Stamps, a segregação era tão completa que a maioria das crianças Negras não tinha a menor ideia de como os brancos eram. Fora isso, eles eram diferentes, deviam ser temidos, e nesse medo estavam incluídas a hostilidade do impotente contra o poderoso, do pobre contra o rico, do trabalhador contra o patrão e do maltrapilho contra o bem-vestido.

Eu me lembro de nunca acreditar que os brancos eram muito reais.

Muitas mulheres que trabalhavam nas cozinhas deles compravam no nosso Mercado, e, quando carregavam a roupa lavada de volta para a cidade, elas costumavam colocar as cestas grandes na nossa varanda da frente para tirar uma única peça da coleção engomada e mostrar ou como elas passavam bem a roupa ou como a propriedade dos seus empregadores era rica e opulenta.

Eu olhava as coisas que não estavam à mostra. Sabia, por exemplo, que homens brancos usavam short, como o tio Willie usava, e que tinham uma abertura para eles botarem as “coisas” para fora e fazerem xixi, e que os seios das mulheres brancas não ficavam dentro dos vestidos, como algumas pessoas diziam, porque eu via os sutiãs delas nas cestas. Mas eu não conseguia me obrigar a pensar nelas como pessoas. Pessoas eram a sra. LaGrone, a sra. Hendricks, Momma, o reverendo Sneed, Lillie B, Louise e Rex. Os brancos não podiam ser pessoas, porque os pés deles eram pequenos demais, a pele deles era branca e transparente demais, e eles não andavam sobre a parte da frente dos pés como as pessoas faziam; caminhavam nos calcanhares, como os cavalos.

Pessoas eram quem morava do meu lado da cidade. Eu não gostava de todas, na verdade nem gostava muito de nenhuma delas, mas elas eram pessoas. Esses outros, as criaturas estranhas e pálidas que viviam sua

não vida alienígena, não eram considerados gente, eram os brancos.

5

“Não serás sujo” e “Não serás insolente” eram os dois mandamentos da vovó Henderson dos quais dependia nossa total salvação.

Em cada noite do inverno mais frio, nós éramos obrigados a lavar os rostos, os braços, os pescoços, as pernas e os pés antes de irmos para a cama. E, com um sorrisinho na cara que as pessoas não profanas não conseguem controlar quando se arriscam na profanidade, ela acrescentava: “e lavem o máximo possível, depois lavem o possível”.

Nós íamos até o poço e nos lavávamos na água gelada e limpa, passávamos vaselina sólida igualmente fria nas pernas e voltávamos nas pontas dos pés para casa. Limpávamos a poeira dos dedos dos pés e nos preparávamos para os deveres de casa, pão de milho, coalhada, orações e cama, sempre nessa ordem. Momma era famosa por puxar as cobertas depois que pegávamos no sono para examinar nossos pés. Se não estivessem limpos o bastante para ela, ela pegava a vara (deixava uma atrás da porta do quarto para emergências) e acordava o transgressor com alguns lembretes ardentes estrategicamente aplicados.

À noite, a área em volta do poço ficava escura e escorregadia, e os garotos falavam que cobras amavam água. Então, qualquer um que

tivesse que pegar água durante a noite e ficar ali parado sozinho para se lavar sabia que mocassins d'água e cascavéis, biútas e jiboias estavam rastejando até o poço e chegariam assim que a pessoa ficasse com sabão nos olhos. Mas Momma nos convenceu não só que a limpeza era quase divina, mas que a sujeira era a inventora da infelicidade.

A criança insolente era detestada por Deus e uma vergonha para os pais, e podia trazer destruição para a casa e sua linhagem. Todos os adultos tinham que ser chamados de senhor, senhora, senhorita, tia, primo, tio, titio, vovô, irmã, irmão e mil outras apelações indicando um relacionamento familiar e a inferioridade do falante.

Todo mundo que eu conhecia respeitava essas leis de costume, exceto as crianças lixentas da pobreza branca.

Algumas famílias lixentas da pobreza branca moravam no terreno da fazenda de Momma atrás da escola. Às vezes, um amontoado delas ia para o Mercado, ocupava o único aposento, tirava o ar do ambiente e até mudava os odores conhecidos. As crianças subiam umas nas outras e nos cestos de batatas e cebolas, falando o tempo todo com as vozes agudas como violões cigar box. Elas tomavam liberdades no meu Mercado que eu jamais ousaria ter. Como Momma nos dizia que quanto menos se falasse para os brancos (mesmo os lixentos da pobreza branca), melhor, Bailey e eu ficávamos parados, solenes e quietos, no ar deslocado. Mas se uma das aparições brincalhonas chegasse perto de nós, eu a beliscava. Em parte por frustração irritada e em parte porque eu não acreditava na realidade de carne e osso.

Elas chamavam meu tio pelo primeiro nome e davam ordens a ele no Mercado. Ele, para minha grande vergonha, obedecia no seu jeito manco-reto-manco.

Minha avó também seguia as ordens delas, só que não parecia servil, porque previa suas necessidades.

“Aqui tem açúcar, srta. Potter, e aqui tem fermento. Você não comprou fermento mês passado, deve estar precisando.”

Momma sempre direcionava suas declarações aos adultos, mas às vezes, ah, dolorosas vezes, as garotas sujas e de nariz melequento

respondiam.

“Não, Annie...”? Para Momma? Que era dona da terra onde elas moravam? Que relevava mais coisas do que eles aprenderiam a vida toda? Se houvesse justiça no mundo, Deus devia acertar todas elas com um raio para que ficassem mudas! “Só dá pra gente mais uns biscoitos salgados e mais umas cavalinhas.”

Pelo menos elas nunca a encaravam, ou nunca as vi fazendo isso. Ninguém com o mínimo de educação, nem mesmo o pior moleque, olharia na cara de uma pessoa adulta. Queria dizer que a pessoa estava tentando tirar as palavras antes de elas estarem formadas. As criancinhas sujas não faziam isso, mas davam ordens pelo Mercado como chicotadas.

Quando eu tinha uns dez anos, essas crianças maltrapilhas me fizeram passar pela experiência mais sofrida e confusa que já tive com a minha avó.

Uma manhã de verão, depois de eu ter varrido o pátio de terra para tirar as folhas, os papéis de chiclete e os rótulos de salsicha Viena, passei o ancinho na terra amarelo-avermelhada e fiz semicírculos com cuidado, para que o desenho se destacasse claramente, como uma máscara. Coloquei o ancinho atrás do Mercado e entrei pelos fundos, encontrando minha avó na varanda da frente com o avental branco enorme. O avental estava tão duro por causa da goma que podia ficar de pé sozinho.

Momma estava admirando o pátio, e me juntei a ela. Parecia mesmo uma cabeleira ruiva achatada penteada com um pente de dentes largos. Momma não disse nada, mas eu sabia que ela tinha gostado. Ela olhou na direção da casa do diretor da escola e para a direita, para a do sr. McElroy. Estava com esperanças que um desses pilares da comunidade visse o desenho antes que a movimentação do dia o apagasse. Em seguida, ela olhou para a escola. Minha cabeça acompanhou a dela e, mais ou menos na mesma hora, nós vimos uma tropa de crianças lixentas da pobreza branca andando pela colina e descendo pela lateral da escola.

Olhei para Momma pedindo orientação. Ela fez um trabalho excelente de encolher o corpo da cintura para baixo, mas da cintura para cima pareceu estar se esticando para o alto do carvalho do outro lado da rua. Em seguida, começou a gemer um hino. Talvez não gemer, mas a melodia era tão lenta e a métrica tão estranha que ela poderia estar gemendo. Ela não olhou para mim de novo. Quando as crianças chegaram na metade da colina, na metade do caminho até o Mercado, ela disse sem se virar: “Irmã, entre”.

Senti vontade de implorar: “Momma, não fique esperando elas. Entre comigo. Se elas entrarem no Mercado, você pode ir para o quarto e me deixar atendê-las. Elas só me assustam quando você está perto. Sozinha, eu sei lidar com elas”. Mas é claro que eu não podia dizer nada, então eu entrei e fiquei parada atrás da porta de tela.

Antes que as garotas chegassem à varanda, ouvi suas risadas estalando como toras de pinheiro em um fogão à lenha. Acho que minha paranoia de vida nasceu nesses minutos lentos e arrastados como melação. Elas finalmente pararam na frente de Momma. Primeiro, fingiram seriedade. Então, uma delas enfiou o braço direito na dobra do esquerdo, empurrou a boca para fora e começou a murmurar. Eu percebi que ela estava imitando minha avó. Outra disse: “Não, Helen, você não está parada como ela. É assim”. Ela estufou o peito, cruzou os braços e imitou aquela postura estranha que era a de Annie Henderson. Outra riu. “Não, você não sabe fazer. Sua boca não é frouxa o bastante. É assim.”

Pensei no rifle atrás da porta, mas sabia que nunca conseguira segurar direito, e a calibre 410, nossa pistola, que ficava carregada e era disparada em todas as noites de ano-novo, estava trancada no baú, e o tio Willie carregava a chave na corrente dele. Pela porta de tela pontilhada de moscas, eu conseguia ver que os braços do avental de Momma se balançavam pelas vibrações do seu cantarolar. Mas os joelhos pareciam ter travado como se nunca mais fossem se dobrar.

Ela continuou cantando. Não mais alto do que antes, mas também não mais baixo. Nem mais devagar e nem mais rápido.

A sujeira nos vestidos de algodão das garotas continuava nas pernas, nos pés, nos braços e nos rostos, deixando todas parecidas. Os cabelos oleosos e sem cor caíam sem pentear, com uma finalidade suja. Eu me ajoelhei para vê-las melhor, para me lembrar de todas para sempre. As lágrimas que escorreram até meu vestido fizeram manchas escuras nada surpreendentes e deixaram o pátio da frente borrado e ainda mais irreal. O mundo tinha respirado fundo, e estava tendo dúvidas sobre continuar a girar.

As garotas se cansaram de debochar de Momma e passaram a usar outros meios de agitação. Uma envesgou os olhos, colocou os polegares dos dois lados da boca e disse: “Olha aqui, Annie”. Vovó continuou cantarolando, e os cordões do avental tremeram. Eu queria jogar um punhado de pimenta-do-reino na cara delas, jogar lixívia nelas, gritar que elas eram branqueadas sujas e nojentas, mas sabia que estava tão aprisionada nos bastidores quanto os atores lá fora estavam confinados a seus papéis.

Uma das garotas menores fez uma espécie de dança de marionetes enquanto suas amigas palhaças riam dela. Mas a alta, que era quase uma mulher, disse alguma coisa muito baixo, que eu não consegui ouvir. Todas recuaram para longe da varanda, ainda olhando para Momma. Por um segundo horrível, achei que elas iam jogar uma pedra em Momma, que parecia (exceto pelas cordinhas do avental) ter virado pedra. Mas a garota grande se virou de costas, se inclinou e apoiou as mãos no chão. Ela não pegou nada. Só deslocou seu peso e plantou bananeira.

Os pés sujos e descalços e as pernas compridas apontaram para o céu. O vestido caiu até os ombros, e ela não estava de calcinha. Os pelos pubianos densos formavam um triângulo marrom onde as pernas se encontravam. Ela ficou parada naquela manhã sem vida só por alguns segundos, depois oscilou e caiu. As outras garotas deram tapinhas nas costas dela e bateram palmas.

Momma mudou a música para “Pão do Céu, pão do Céu, me alimente até eu não querer mais”. Percebi que eu também estava orando. Quanto tempo Momma conseguiria aguentar? A que nova

indignidade elas pensariam em sujeitá-la? Eu conseguiria ficar de fora? O que Momma realmente gostaria que eu fizesse?

De repente, elas foram embora do pátio, a caminho da cidade. Balançaram as cabeças e sacudiram os traseiros murchos e se viraram, uma de cada vez.

“Adeus, Annie.”

“Adeus, Annie.”

“Adeus, Annie.”

Momma não virou a cabeça nem descruzou os braços, mas parou de cantar e disse: “Adeus, srta. Helen, adeus, srta. Ruth, adeus, srta. Eloise.”

Eu explodi. Uma explosão de estalinho em Quatro de Julho. Como Momma podia chamá-las de senhoritas? As coisinhas malvadas e cruéis. Por que ela não pôde entrar no Mercado doce e fresco quando viu que elas estavam descendo a colina? O que ela provou? E, se eram sujas, más e insolentes, por que Momma tinha que chamá-las de senhoritas?

Ela ficou lá parada por mais uma música inteira e abriu a porta de tela. Deu de cara comigo chorando de raiva. Ficou me olhando até eu olhar para ela. Seu rosto era uma lua marrom que brilhava em mim. Ela estava linda. Alguma coisa tinha acontecido lá fora, uma coisa que eu não conseguia entender completamente, mas vi que ela estava feliz. Ela se inclinou e me tocou como as mães da igreja “colocam as mãos nos doentes e aflitos”, e eu me acalmei.

“Vá lavar seu rosto, irmã.” E ela foi para trás do balcão de doces e cantarolou: “Glória, glória, aleluia, quando eu me livro do peso que carrego”.

Joguei água do poço no rosto e usei o lenço do dia da semana para assoar o nariz. Sabia que a competição que aconteceu lá fora tinha sido vencida por Momma.

Levei o ancinho de volta para o pátio. As pegadas manchadas foram fáceis de apagar. Trabalhei por bastante tempo no meu novo desenho e coloquei o ancinho atrás da bacia de lavagem. Quando voltei para o Mercado, segurei a mão de Momma e nós duas andamos até lá fora para

olhar o desenho.

Era um coração grande com muitos corações ficando menores dentro, e indo da beirada externa até o menor coração havia uma flecha. Momma disse: “Irmã, isso é muito bonito”. Em seguida, se virou para o Mercado e retomou a cantoria: “Glória, glória, aleluia, quando eu me livro do peso que carrego”.

6

O reverendo Howard Thomas era o responsável pelo distrito do Arkansas que incluía Stamps. A cada três meses, ele visitava nossa igreja, ficava na casa de Momma na noite de sábado e fazia um sermão alto e apaixonado no domingo. Ele coletava o dinheiro que tinha sido recebido nos meses anteriores, ouvia relatos de todos os grupos da igreja e apertava as mãos dos adultos e beijava todas as crianças pequenas. Depois, ia embora. (Eu achava que ele ia para o oeste, para o céu, mas Momma explicou as coisas. Ele só ia para Texarkana.)

Bailey e eu o odiávamos sem reservas. Ele era feio, gordo e ria como um porco com cólica. Nós provocávamos gargalhadas um no outro quando fazíamos imitações do pastor insensível.

Bailey era particularmente bom nisso. Ele conseguia imitar o reverendo Thomas na frente do tio Willie e nunca ser pego porque o fazia sem emitir qualquer ruído. Ele estufava as bochechas até parecerem pedras marrons molhadas e balançava a cabeça de um lado para o outro. Só nós sabíamos, mas era o velho reverendo Thomas à perfeição.

A obesidade, apesar de repugnante, não era suficiente para provocar o ódio intenso que sentíamos dele. O fato de ele nunca se dar ao trabalho de lembrar nossos nomes era um insulto, mas esse escorregão somente também não era o bastante para nos fazer desprezá-lo. O crime que pesou na balança e tornou nosso ódio não só justo como imperativo foram seus atos à mesa de jantar. Ele comia as maiores partes da galinha, mais tostadas e melhores, em todas as refeições de domingo.

A única coisa boa de suas visitas era o fato de que ele sempre chegava tarde nas noites de sábado, depois de jantarmos. Muitas vezes eu me perguntava se ele tentava nos pegar à mesa. Acredito que sim, pois quando ele chegava na varanda da frente, seus olhinhos cintilavam na direção da sala de jantar vazia, e o rosto dele despencava de decepção. Então, imediatamente uma cortina fina caía sobre suas feições, e ele dava algumas gargalhadas. “Ha, hah, ha, hah, irmã Henderson, assim como uma moeda com buraco no meio, eu sempre apareço.”

Bem na hora todas as vezes, Momma respondia: “Isso mesmo, reverendo Thomas, graças ao abençoado Jesus. Pode entrar”.

Ele passava pela porta da frente, e colocava sua Gladstone no chão (era assim que ele chamava) e me procurava e a Bailey. Em seguida, abria os braços e grunhia: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois delas é o Reino dos Céus”.

Bailey ia até ele todas as vezes com a mão esticada, pronto para um aperto de mão masculino, mas o reverendo Thomas afastava a mão e envolvia meu irmão com os braços por alguns segundos. “Você ainda é garoto, amigão. Lembre-se disso. Dizem que o Livro do Senhor diz ‘Quando eu era criança, eu falava como criança, mas quando me tornei homem, afastei as coisas infantis’”. Só então ele abria os braços e soltava Bailey.

Eu nunca tive coragem de ir até ele. Eu tinha medo de engasgar pelo pecado de debochar dele se eu tentasse dizer “Oi, reverendo Thomas”. Afinal, a Bíblia dizia “Não se debocha de Deus”, e o homem era o representante de Deus. Ele dizia para mim: “Venha, irmãzinha. Venha e receba essa bênção”. Mas eu tinha tanto medo e também o odiava tanto

que minhas emoções se misturavam, e era o suficiente para eu começar a chorar. Momma dizia para ele todas as vezes: “Não dê atenção a ela, reverendo Thomas, você sabe como tem o coração mole”.

Ele comia os restos do nosso jantar, e ele e o tio Willie discutiam os desenvolvimentos dos programas da igreja. Falavam sobre como o pastor atual cuidava de seu rebanho, quem tinha se casado, quem tinha morrido e quantas crianças tinham nascido desde a última visita dele.

Bailey e eu ficávamos como sombras nos fundos do Mercado, perto do tanque de óleo de lampião, esperando as partes escabrosas. Mas, quando eles estavam prontos para falar do mais recente escândalo, Momma nos mandava para o quarto com lembretes sobre saber o que esperar se não estivéssemos com as aulas da escola dominical perfeitamente decoradas.

Tínhamos um sistema que nunca falhava. Eu me sentava na grande cadeira de balanço junto ao fogão, e balançava de vez em quando e batia os pés. Mudava as vozes, agora baixa e infantil, depois mais grave do que a de Bailey. Enquanto isso, ele voltava para o Mercado. Muitas vezes, voltava correndo para se sentar na cama e segurar o livro aberto pouco antes de Momma entrar de repente.

“Crianças, estudem sua lição direito. Vocês sabem que todas as outras crianças se inspiram em vocês.” Em seguida, quando ela voltava para o Mercado, Bailey ia logo atrás, se agachava nas sombras e ouvia a fofoca proibida.

Uma vez, ele ouviu que o sr. Coley Washington tinha uma garota de Lewisville na casa dele. Eu não achei isso tão ruim, mas Bailey explicou que o sr. Washington provavelmente estava “fazendo aquilo” com ela. Ele disse que apesar de “aquilo” ser ruim, praticamente todo mundo no mundo fazia com alguém, mas ninguém podia saber. E uma vez nós descobrimos sobre um homem que foi morto por brancos e jogado no lago. Bailey disse que as coisas do homem foram cortadas e colocadas no bolso e ele levou um tiro na cabeça, tudo porque os brancos disseram que ele “fez aquilo” com uma mulher branca.

Por causa dos tipos de notícias que nós pescávamos dessas conversas

sussurradas, eu estava convencida de que sempre que o reverendo Thomas vinha e Momma nos mandava para a sala dos fundos, eles iam discutir sobre os brancos e sobre “fazer aquilo”. Dois assuntos sobre os quais eu não sabia nada.

Nas manhãs de domingo, Momma servia um café da manhã que era preparado para nos deixar quietos das nove e meia às três da tarde. Ela fritava fatias grossas e rosadas de presunto curado em casa e jogava a gordura em cima de tomates vermelhos fatiados. Ovos com gema mole, batatas fritas e cebola, canjica amarela e perca frita tão crocante que nós colocávamos o peixinho na boca e mastigávamos ossos, nadadeiras e tudo. Os pãezinhos caseiros tinham pelo menos oito centímetros de diâmetro e cinco de espessura. O truque para comer esses pãezinhos era passar manteiga antes de esfriarem, e eles ficavam deliciosos. Quando por azar nós deixávamos esfriar, eles ficavam meio gosmentos, não muito diferentes de um pedaço de chiclete mastigado.

Nós podíamos reafirmar nossas descobertas sobre os pãezinhos a cada domingo que o reverendo Thomas passava conosco. Naturalmente, ele era requisitado a abençoar a mesa. Nós todos ficávamos de pé; meu tio encostava a bengala na parede e apoiava o peso na mesa. O reverendo Thomas então começava: “Abençoado Pai, nós agradecemos esta manhã...” e assim por diante. Eu parava de ouvir depois de um tempo, até Bailey me chutar e eu abrir de leve os olhos para espiar o que prometia ser uma refeição que daria orgulho a qualquer domingo. Mas, conforme o reverendo continuava falando com um deus que eu achava que devia estar entediado de ouvir as mesmas coisas sem parar, eu via que a gordura do presunto tinha ficado branca nos tomates. Os ovos tinham recuado da beirada do prato e se amontoavam no meio, como crianças esquecidas no frio. E os pãezinhos tinham encolhido com a determinação de uma mulher gorda sentada em uma poltrona. E ele continuava falando. Quando finalmente parava, nosso apetite tinha passado, mas ele se banqueteara com a comida fria com um gosto mudo e barulhento ao mesmo tempo.

Na Igreja Metodista Episcopal Cristã, a seção das crianças ficava à

direita, na diagonal do banco onde ficavam as ameaçadoras mulheres chamadas Mães da Igreja. Na parte dos jovens, os bancos ficavam próximos uns dos outros, e quando as pernas de uma criança não cabiam mais confortavelmente no espaço apertado, era indicação para os adultos que essa pessoa podia ir para a área intermediária (centro da igreja). Bailey e eu só podíamos sentar com as outras crianças quando havia reuniões informais, encontros sociais da igreja ou eventos parecidos. Mas, nos domingos em que o reverendo Thomas pregava, era obrigatório que ocupássemos a primeira fila, chamada de banco dos lamentosos. Eu achava que ficávamos na frente porque Momma sentia orgulho de nós, mas Bailey me garantia que ela só queria ficar de olho nos netos.

O reverendo Thomas tirava seus textos do Deuteronômio. E eu ficava dividida entre odiar sua voz e querer ouvir o sermão. O Deuteronômio era meu livro favorito da Bíblia. As leis eram tão absolutas, tão claramente determinadas, que eu sabia que se uma pessoa quisesse verdadeiramente evitar o inferno e o fogo e ser eternamente torrada nas chamas do diabo, ela só precisava decorar o Deuteronômio e seguir seus ensinamentos, palavra por palavra. Também gostava da forma como a palavra rolava na língua.

Bailey e eu estávamos sentados sozinhos no banco da frente, as tábuas de madeira apertando nossos traseiros e a parte de trás da coxa. Eu queria me contorcer um pouco, mas, a cada vez que olhava para Momma, ela parecia ameaçar: “Se mexa e acabo com você”. Então, obediente à ordem não enunciada, eu ficava parada. As mulheres da igreja estavam em aquecimento atrás de mim com alguns aleluias e louvado seja o Senhor e améns, e o pastor ainda não tinha chegado à essência do sermão.

Seria uma missa animada.

No caminho da igreja, vi a irmã Monroe, a coroa de ouro vazada do dente cintilando quando ela abria a boca para retribuir um cumprimento. Ela morava no campo e não conseguia ir à igreja todos os domingos, então compensava suas ausências gritando tanto que sacudia

a igreja inteira. Assim que ela se sentava, todas as ajudantes iam para perto dela na igreja, porque era preciso três mulheres e às vezes um homem ou dois para segurá-la.

Uma vez, quando não ia à igreja havia alguns meses (ela deixou de ir para ter um filho), ela incorporou o espírito e começou a gritar, balançando os braços e sacudindo o corpo. As ajudantes foram segurá-la, mas ela se soltou e correu até o púlpito. Parou na frente do altar, se balançando como uma truta recém-pescada. Gritou para o reverendo Taylor: “Pregue. Eu digo que pregue”. Naturalmente, ele continuou pregando como se ela não estivesse parada ali dizendo para ele o que fazer. Em seguida, ela gritou um altíssimo “Eu digo que pregue” e subiu no altar. O reverendo continuou arremessando frases como bolas de beisebol, e a irmã Monroe fez um movimento rápido e tentou segurá-lo. Por um segundo, tudo e todo mundo na igreja, exceto o reverendo Taylor e a irmã Monroe, ficaram imóveis como meias em um varal. Então, ela segurou o pastor pela manga e pela cauda da casaca e o sacudiu de um lado para o outro.

Tenho que dizer uma coisa a favor do pastor, ele não parou de nos dar seu sermão. As ajudantes seguiram para o púlpito, subindo os dois corredores com um pouco mais de rapidez do que costuma ser visto na igreja. Para falar a verdade, elas praticamente correram para ajudar o pastor. E então, dois diáconos, em seus brilhantes ternos de domingo, se juntaram às mulheres de branco no púlpito. Cada vez que eles soltavam a irmã Monroe do pastor, ele respirava fundo e continuava pregando, e a irmã Monroe o segurava em outro lugar, e com mais firmeza. O reverendo Taylor estava ajudando seus salvadores o máximo possível, pulando sempre que tinha oportunidade. Sua voz em determinado momento ficou tão grave que parecia um trovão, e então o “Pregue” da irmã Monroe cortou o som, e nós todos nos perguntamos (eu, pelo menos) se alguma hora acabaria. Eles continuariam assim para sempre ou finalmente se cansariam como um jogo de cabra-cega que durava tempo demais, sem ninguém ligando para quem era a cabra?

Eu nunca vou saber o que poderia ter acontecido, porque

magicamente o pandemônio passou. O espírito contaminou o diácono Jackson e a irmã Wilson, a presidente das ajudantes, ao mesmo tempo. O diácono Jackson, um homem alto, magro e silencioso que também era professor da escola dominical, deu um grito como uma árvore caindo, curvou o corpo para trás e deu um soco no braço do reverendo Taylor. Deve ter doído tanto quanto deve ter surpreendido o reverendo. Houve uma breve interrupção nos sons, e o reverendo se virou com surpresa, puxou o braço e deu um soco no diácono Jackson. No mesmo segundo, a irmã Wilson segurou a gravata dele, enrolou no pulso algumas vezes e o puxou. Não houve tempo para rir nem chorar antes que os três caíssem no chão atrás do altar. As pernas deles se levantaram como gravetos.

A irmã Monroe, que foi a causa dessa agitação toda, desceu da plataforma andando, tranquila e cansada, e ergueu a voz rígida no ritmo do hino: “Eu vim até Jesus, pois estava preocupada, cansada e triste, eu O encontrei em um lugar de descanso e Ele me fez feliz”.

O pastor tirou vantagem de já estar no chão e perguntou, em uma vozinha engasgada, se a igreja se ajoelhariam com ele para oferecer uma oração de graças. Ele disse que tínhamos sido visitados por um espírito poderoso e convidou a igreja toda a dizer amém.

No domingo seguinte, ele tirou o texto do décimo oitavo capítulo do Evangelho segundo São Lucas e falou com voz baixa e séria sobre os fariseus, que oravam nas ruas para que o público ficasse impressionado com sua devoção religiosa. Duvido que qualquer um tivesse captado a mensagem — certamente não aqueles a quem era dirigida. O comitê de diáconos, no entanto, angariou fundos para comprar um terno novo para ele. O outro tinha ficado destruído.

Nosso representante tinha ouvido a história do reverendo Taylor e da irmã Monroe, mas eu tinha certeza de que ele não a conhecia pessoalmente. Então, meu interesse no potencial da missa e minha aversão ao reverendo Thomas me fizeram me desligar de sua figura. Afastar ou me desligar das pessoas era minha arte mais desenvolvida. O costume de deixar crianças obedientes serem vistas, mas não ouvidas,

era tão agradável para mim que eu ia um passo mais longe. Crianças obedientes não deviam ver nem ouvir se preferissem assim. Coloquei uma expressão de atenção no rosto e me liguei nos sons da igreja.

O pavio da irmã Monroe já estava aceso, e ela chiava em algum lugar à direita atrás de mim. O reverendo Thomas pulou para o sermão, acho que determinado a dar aos frequentadores o que eles tinham ido ver. Eu vi as ajudantes do lado esquerdo da igreja perto das grandes janelas começarem a se mover discretamente, como carregadores de caixão, na direção do banco da irmã Monroe. Bailey balançou meu joelho. Quando o incidente com a irmã Monroe, que nós só chamávamos de “o incidente”, aconteceu, nós ficamos atônitos demais para rir. Mas, durante semanas depois, bastava um “Pregue” sussurrado para nós termos ataques violentos de risadas. Ele empurrou meu joelho, cobriu a boca e sussurrou: “Eu digo que pregue”.

Eu olhei para Momma por cima do quadrado de tábuas manchadas, por cima da mesa do ofertório, torcendo para que um olhar dela fosse me manter com segurança na sanidade. Mas, pela primeira vez na minha memória, Momma estava olhando para trás de mim, para a irmã Monroe. Eu achava que ela estava contando em dar um basta naquela senhora emotiva com um ou dois olhares severos. Mas a voz da irmã Monroe já tinha chegado ao ponto de perigo.

“Pregue!”

Houve algumas risadas sufocadas da seção das crianças, e Bailey me cutucou de novo. “Eu digo que pregue”, em um sussurro. A irmã Monroe o ecoou em voz alta: “Eu digo que pregue!”

Dois diáconos se posicionaram ao lado do irmão Jackson como medida preventiva e dois homens grandes com expressão determinada seguiram pelo corredor na direção da irmã Monroe.

Enquanto os sons na igreja iam aumentando, o reverendo Thomas cometeu o lamentável erro de aumentar o volume da voz também. De repente, como uma chuva de verão, a irmã Monroe saiu do meio das pessoas que tentavam segurá-la e correu para o púlpito. Ela não parou desta vez, mas seguiu direto para o altar, na direção do reverendo

Thomas, gritando: “Eu digo que pregue”.

Bailey disse em voz alta “Olha só” e “Caramba” e “Ela vai bater na bunda dele”.

Mas o reverendo Thomas não pretendia esperar que isso acontecesse. Então, quando a irmã Monroe se aproximou do púlpito pela direita, ele começou a descer pela esquerda. Ele não se deixou intimidar por essa mudança de local. Continuou pregando e se movendo. Finalmente parou bem na frente da mesa do ofertório, o que o colocou quase no nosso colo, e a irmã Monroe contornou o altar atrás dele, seguida pelos diáconos, pelas ajudantes e por alguns frequentadores e algumas das crianças maiores.

Na hora que o reverendo abriu a boca, a língua rosada se balançando, e disse “Grande Deus do Monte Nebo”, a irmã Monroe bateu na nuca dele com a bolsa. Duas vezes. Antes que ele pudesse juntar os lábios, seus dentes caíram, não, na verdade seus dentes pularam da boca.

A parte de cima e a de baixo do sorriso caíram do lado do meu sapato direito, parecendo vazias e ao mesmo tempo parecendo conter todo o vazio do mundo. Eu poderia ter esticado o pé e as chutado para debaixo do banco ou para trás da mesa.

A irmã Monroe estava lutando com o paletó dele, e os homens praticamente a pegaram no colo para tirá-la da igreja. Bailey me beliscou e disse, sem mover os lábios: “Queria ver ele comer o jantar agora”.

Olhei para o reverendo Thomas com desespero. Se ele parecesse só um pouco triste ou constrangido, eu poderia sentir pena dele e não conseguiria rir. Minha solidariedade por ele me impediria de dar risada.

Eu tinha medo de rir na igreja. Se eu perdesse o controle, duas coisas aconteceriam com certeza. Eu faria xixi e certamente levaria uma surra. E dessa vez eu provavelmente morreria, porque tudo estava engraçado: a irmã Monroe e Momma tentando fazê-la ficar quieta com aqueles olhares ameaçadores, e Bailey sussurrando “Pregue”, e o reverendo Thomas com os lábios moles como elástico velho.

Mas o reverendo se soltou da mão fraca da irmã Monroe, pegou um lenço branco extragrande e o abriu em cima dos dentinhos horríveis.

Enquanto os colocava no bolso, ele disse: “Nu eu vim ao mundo, e nu irei embora”.

A gargalhada de Bailey tinha subido pelo corpo e estava escapando pelo nariz em roncões curtos e roucos. Não tentei mais segurar a gargalhada, só abri a boca e libertei o som. Ouvi a primeira risadinha pular no ar acima da minha cabeça, passar pelo púlpito e sair pela janela. Momma disse em voz alta “Irmã!”, mas o banco estava encerado e eu escorreguei para o chão. Havia mais gargalhadas em mim tentando sair. Eu não sabia que havia tantas no mundo. Pressionava todas as minhas aberturas corporais, forçando tudo que havia no caminho. Eu chorei e berrei, soltei gases e urina. Não vi Bailey cair no chão, mas rolei uma vez, e ele também estava chutando e gritando. Cada vez que nos olhávamos, berrávamos mais alto do que antes, e apesar de ele ter tentado dizer alguma coisa, as gargalhadas o atacaram, e ele só conseguiu dizer: “Eu digo que pregue”. Em seguida, rolei até a bengala com ponta de borracha do tio Willie. Meus olhos seguiram a bengala até sua mão marrom na curva e subindo a manga bem comprida até o rosto dele. Um lado estava puxado para baixo como sempre ficava quando ele chorava (também se puxava para baixo quando ria). Ele gaguejou: “Eu mesmo vou bater em vocês dessa vez”.

Não tenho lembrança de como saímos da igreja e entramos na casa do pastor ao lado, mas, naquela sala cheia de móveis, Bailey e eu recebemos a surra das nossas vidas. Tio Willie nos mandava parar de chorar entre açoites. Eu tentei, mas Bailey se recusou a cooperar. Mais tarde, ele explicou que quando uma pessoa está batendo em você, você deve gritar o mais alto possível. Isso faz a pessoa dando a surra ficar constrangida, ou quem sabe uma alma solidária pode aparecer para salvar você. Nossa salvação não veio de nenhum desses dois casos, e sim porque Bailey gritou tão alto que perturbou o que restava da missa, e a esposa do pastor veio pedir para que o tio Willie nos calasse.

Gargalhadas viram histeria com facilidade em crianças criativas. Durante semanas depois, tive a sensação de que fui muito, muito errada, e até recuperar completamente a força, fiquei na beirada do

penhasco da gargalhada, e qualquer coisa engraçada poderia me jogar na morte abaixo.

Cada vez que Bailey dizia “Pregue” para mim, eu batia nele com o máximo de força que conseguia e chorava.

Momma se casou três vezes: com o sr. Johnson, meu avô, que a deixou na virada do século com dois filhos pequenos para criar; com o sr. Henderson, de quem não sei nada (Momma nunca respondeu às perguntas feitas diretamente a ela sobre qualquer coisa que não fosse religião); e finalmente com o sr. Murphy. Eu o vi rapidamente uma vez. Ele foi a Stamps em uma noite de sábado, e vovó me deu a tarefa de fazer a cama dele no chão. Ele era um homem escuro e corpulento que usava um chapéu de aba dura como George Raft. Na manhã seguinte, ele ficou no Mercado até voltarmos da igreja. Isso marcou o primeiro domingo em que eu soube que o tio Willie faltou à igreja. Bailey disse que ele tinha ficado em casa para impedir que o sr. Murphy nos roubasse. Ele saiu no meio da tarde depois de um dos longos banquetes de domingo de Momma. Com o chapéu empurrado para trás na testa, saiu assoviando pela rua. Observei as costas largas até ele virar a curva junto à grande igreja branca.

As pessoas falavam de Momma como uma mulher de boa aparência, e algumas, que se lembravam dela na juventude, diziam que era muito

bonita. Eu só via seu poder e sua força. Ela era mais alta do que qualquer mulher do meu mundo pessoal, e suas mãos eram tão grandes que podiam fazer um arco sobre a minha cabeça que ia de uma orelha à outra. A voz era suave só porque ela preferia que fosse assim. Na igreja, quando era chamada para cantar, ela parecia soltar as mandíbulas, e o som alto e quase rouco se espalhava pelos ouvintes e latejava no ar.

A cada domingo, depois de ela se sentar, o pastor anunciava: “Agora a irmã Henderson vai nos guiar em um hino”. E, a cada domingo, ela olhava com expressão surpresa para o pastor e perguntava, silenciosamente: “Eu?”. Depois de um segundo garantindo a si mesma que realmente estava sendo chamada, ela colocava a bolsa no banco e dobrava o lenço lentamente, que era colocado em cima da bolsa. E se inclinava na direção do banco da frente e se botava de pé, depois abria a boca e a música pulava, como se estivesse esperando a hora certa para fazer a aparição. Semana após semana e ano após ano, a performance nunca mudava, mas não me lembro de ninguém comentando sobre a sinceridade dela e nem sobre a prontidão para cantar.

Momma pretendia ensinar a Bailey e a mim a usar os caminhos da vida que ela e a geração dela e todos os Negros anteriores encontraram e achavam seguros. Ela não gostava da ideia de que se podia falar com os brancos sem botar a vida em risco. E sem dúvida não se podia falar com eles com insolência. Na verdade, mesmo na ausência deles, não se podia falar sobre eles com rispidez, a não ser que usássemos o pronome “eles”. Se lhe perguntassem e ela decidisse responder se era covarde ou não, ela diria que era realista. Ela não “os” enfrentava ano após ano? Ela não era a única mulher Negra em Stamps já chamada de senhora?

Esse incidente se tornou uma das pequenas lendas de Stamps. Alguns anos antes de Bailey e eu chegarmos à cidade, um homem foi caçado por agredir uma mulher branca. Ao tentar fugir, ele correu para o Mercado. Momma e tio Willie o esconderam atrás do armário até a noite, deram suprimentos para uma longa viagem e o mandaram embora. Mas ele foi apreendido, e no tribunal, quando foi interrogado sobre seus movimentos no dia do crime, respondeu que, depois que

soube que estava sendo procurado, refugiou-se no Mercado da sra. Henderson.

O juiz pediu que a sra. Henderson fosse intimada, e quando Momma chegou e disse que era a sra. Henderson, o juiz, o meirinho e os outros brancos da plateia riram. O juiz realmente cometeu uma gafe ao chamar uma mulher Negra de senhora, mas ele era de Pine Bluff e não tinha como saber que uma mulher que era dona de um mercado naquele vilarejo também seria de cor. Os brancos riram do incidente durante muito tempo, e os Negros acharam que ele provava o valor e a majestade da minha avó.

Stamps, Arkansas, era Fim do Mundo, Geórgia; Enforquem Todos, Alabama; Não Esteja Aqui ao Pôr do Sol, Negro, Mississipi; ou qualquer outro nome tão descritivo quanto esses. As pessoas de Stamps diziam que os brancos da nossa cidade tinham tanto preconceito que um Negro não podia comprar sorvete de baunilha. Exceto no Quatro de Julho. Nos outros dias, nós tínhamos que nos satisfazer com chocolate.

Uma barreira leve tinha sido colocada entre a comunidade Negra e tudo branco, mas dava para ver através dela o bastante para desenvolver um medo-admiração-desprezo pelas “coisas” brancas: carros de brancos e casas brancas reluzentes e seus filhos e suas mulheres. Mas, acima de tudo, a riqueza que permitia que eles desperdiçassem o que era mais invejável. Eles tinham tantas roupas que podiam dar vestidos perfeitamente bons, gastos só embaixo dos braços, para a aula de costura na nossa escola, para as garotas maiores treinarem.

Embora sempre houvesse generosidade no bairro Negro, tudo era feito com a dor do sacrifício. Tudo que era dado por pessoas Negras para outros Negros era provavelmente tão necessário para o dono quanto para o beneficiário. Esse era um fato que tornava o dar e o receber uma

troca rica.

Eu não conseguia entender os brancos e onde eles conseguiam o direito de gastar dinheiro com tanta extravagância. Claro que eu sabia que Deus também era branco, mas ninguém poderia me fazer acreditar que Ele tinha preconceito. Minha avó tinha mais dinheiro do que todos os lixentos da pobreza branca. Nós éramos donos de terras e casas, mas todos os dias Bailey e eu ouvíamos o aviso: “Quem guarda, tem”.

Momma comprava dois rolos de tecido todos os anos, para roupas de inverno e de verão. Ela fazia meus vestidos da escola, os vestidos de baixo, as calças, os lenços, as camisas de Bailey, os shorts, seus próprios aventais, vestidos caseiros e saias dos rolos enviados para Stamps pela Sears and Roebuck. Tio Willie era a única pessoa na família que usava roupas compradas prontas o tempo todo. A cada dia, ele usava camisas brancas limpas e suspensórios floridos, e seus sapatos especiais custavam vinte dólares. Eu achava o tio Willie pecaminosamente vaidoso, principalmente porque eu tinha que passar sete camisas duras e engomadas sem deixar uma ruguinha sequer.

Durante o verão, nós ficávamos descalços, exceto no domingo, e aprendemos a refazer a sola dos sapatos quando eles “cediam”, como Momma dizia. A Depressão também deve ter afetado a parte branca de Stamps com impacto de ciclone, mas penetrou na área Negra lentamente, como um ladrão apreensivo. O país estava mergulhado na Depressão havia dois anos quando os Negros de Stamps a conheceram. Acho que todo mundo pensava que a Depressão, como todo o resto das coisas, era para os brancos e não tinha nada a ver com eles. Nosso povo vivia da terra e contava com as temporadas de colheita de algodão, de usar a enxada e de tirar ervas daninhas para obter o dinheiro necessário para comprar sapatos, roupas, livros e equipamento de fazenda. Foi quando os donos de campos de algodão diminuíram o pagamento de dez centavos por meio quilo de algodão para oito, sete e finalmente cinco, que a comunidade Negra finalmente percebeu que ao menos a Depressão não discriminava.

Agências beneficentes davam comida para as famílias pobres, Negras

e brancas. Galões de gordura, farinha, sal, ovos em pó e leite em pó. As pessoas pararam de tentar criar porcos porque era muito difícil conseguir uma mistura nutritiva o suficiente para alimentá-los, e ninguém tinha dinheiro para comprar pirão ou farinha de peixe.

Momma passou muitas noites tentando fazer conversões, lentamente. Ela estava tentando encontrar um jeito de manter o negócio funcionando, apesar de os clientes não terem dinheiro. Quando chegou às suas conclusões, ela disse: “Bailey, quero que você faça um cartaz bem claro. Bonito e caprichado. E, Irmã, você pode colorir com seus gizes de cera. Quero que diga:

1 LATA DE 2 KG DE LEITE EM PÓ VALE 50 CENTAVOS DE TROCA
1 LATA DE 2 KG DE OVO EM PÓ VALE 1 DÓLAR DE TROCA
10 LATAS Nº 2 DE CAVALINHA VALEM 1 DÓLAR DE TROCA”.

E assim por diante. Momma manteve o Mercado funcionando. Nossos clientes nem precisavam levar os itens que recebiam para casa. Eles os pegavam no centro beneficente na cidade e deixavam no Mercado. Se não quisessem uma troca no momento, eles registravam em um dos livros grandes de capa cinza a quantidade de crédito correspondente. Nós éramos uma das poucas famílias Negras que não recebiam ajuda do governo, mas Bailey e eu éramos as únicas crianças da cidade em si que sabíamos quem comia ovos em pó todos os dias e bebia leite em pó.

As famílias dos nossos amiguinhos trocavam a comida que não queriam por açúcar, óleo de lampião, especiarias, carne enlatada, salsicha Viena, creme de amendoim, biscoitos salgados, sabonete e até sabão de lavar roupa. Nós sempre recebíamos comida suficiente, mas odiávamos o leite caroço e os ovos esponjosos, e às vezes parávamos na casa de uma das famílias mais pobres para comer creme de amendoim com biscoitos. Stamps demorou para sair da Depressão tanto quanto demorou para entrar. A Segunda Guerra Mundial já estava no meio quando houve uma mudança considerável na economia daquele

povoado quase esquecido.

Um Natal, recebemos presentes da nossa mãe e do nosso pai, que moravam separadamente em um paraíso chamado Califórnia, onde nos diziam que eles podiam comer todas as laranjas que conseguissem. E o sol brilhava o tempo todo.

Eu tinha certeza de que não era verdade. Não conseguia acreditar que nossa mãe poderia rir e comer laranjas no sol sem os filhos. Até aquele Natal em que recebemos os presentes, eu estava confiante de que os dois estavam mortos. Eu podia chorar quando quisesse imaginando minha mãe (eu não sabia bem como ela era) deitada no caixão.

O cabelo dela, que era preto, estava espalhado em um travesseirinho branco, e o corpo coberto com um lençol branco. O rosto era marrom como um grande O, e, como eu não conseguia lembrar as feições, escrevia MÃE em cima da cara dela, e lágrimas escorriam pelas minhas bochechas como leite quente.

Aí chegou aquele Natal horrível com os presentes horríveis quando nosso pai, com a vaidade que eu descobriria que era típica, enviou a fotografia dele. O presente da minha mãe era um jogo de chá — um bule, quatro xícaras com pires e colherinhas — e uma boneca com olhos azuis e bochechas rosadas e cabelo amarelo pintado na cabeça. Eu não sabia o que Bailey tinha recebido, mas depois que abri minhas caixas, fui para o quintal atrás do cinamomo. O dia estava frio e o ar estava límpido como água. Ainda havia gelo no banco, mas eu me sentei e chorei. Levantei o rosto, e Bailey estava saindo da casinha, secando os olhos. Ele também chorou. Eu não sabia se ele também dizia para si mesmo que eles estavam mortos e tinha sido arrancado do devaneio para a realidade ou se ele só estava se sentindo solitário.

Os presentes abriram a porta para as perguntas que nenhum de nós queria fazer. Por que eles nos mandaram embora? O que nós fizemos de tão errado? Tão errado? Por que, aos três e quatro anos, colocaram etiquetas nos nossos braços para sermos enviados de trem sozinhos de

Long Beach, Califórnia, para Stamps, Arkansas, só com um funcionário da ferrovia para cuidar de nós? (Que aliás, desceu no Arizona.)

Bailey se sentou ao meu lado, e naquela vez não me mandou não chorar. Então chorei, e ele fungou um pouco, mas ficamos sem falar até Momma nos chamar para dentro de casa.

Momma estava na frente da árvore que tínhamos decorado com fios prateados e bolas coloridas lindas e disse: “Vocês, crianças, são as coisas mais ingratas que eu já vi. Vocês acham que a mamãe e o papai tiveram o trabalho de mandar esses brinquedinhos lindos para fazer vocês irem para o frio chorar?”.

Nenhum de nós disse nada. Momma continuou: “Irmã, eu sei que você tem coração mole, mas Bailey Junior, não há motivo para você sair miando como um gato só porque recebeu uma coisa de Vivian e Big Bailey”. Como continuamos sem nos obrigar a responder, ela perguntou: “Vocês querem que eu diga para o Papai Noel levar essas coisas de volta?”. Um sentimento horrível de estar sendo despedaçada tomou conta de mim. Eu queria gritar “Sim. Diz pra ele levar de volta”. Mas não me mexi.

Mais tarde, Bailey e eu conversamos. Ele disse que se as coisas vieram mesmo da nossa mãe, talvez isso quisesse dizer que ela estava se preparando para vir nos buscar. Talvez só estivesse com raiva de alguma coisa que nós fizemos, mas estava nos perdoando e mandaria nos buscar em breve. Bailey e eu tiramos o enchimento da boneca no dia depois do Natal, mas ele me avisou que eu tinha que guardar o jogo de chá em boas condições porque a qualquer dia ou qualquer noite ela podia aparecer.

Um ano depois, nosso pai foi a Stamps sem avisar. Foi horrível para Bailey e para mim encontrar a realidade em uma abrupta manhã. Nós — eu, pelo menos —, tínhamos construído fantasias tão elaboradas sobre ele e nossa mãe ilusória que o ver em carne e osso destruiu minhas invenções como um puxão em uma corrente de papel. Ele chegou ao Mercado em um carro cinza limpo (ele devia ter parado fora da cidade para limpá-lo em preparação à “grande entrada”). Bailey, que sabia dessas coisas, disse que era um De Soto. O tamanho dele me chocou. Os ombros eram tão largos que achei que ele teria dificuldade de passar pela porta. Ele era mais alto do que qualquer pessoa que eu já tivesse visto, e se não era gordo, que eu sabia que não era, então era meio gordinho. As roupas eram pequenas demais também. Eram mais apertadas e mais grossas do que o costumeiro em Stamps. E ele era incrivelmente lindo. Momma gritou: “Bailey, meu bebê. Meu bom Deus, Bailey”. E tio Willie gaguejou: “Bã-Bã-Bailey.” Meu irmão disse: “Macacos me mordam. É ele. É nosso papai”. E meu mundo de sete

anos despencou, e nunca voltaria para o lugar.

A voz dele soou como uma concha de metal batendo em um balde, e ele falava inglês. Inglês direito, como o diretor da escola, e até melhor. Nosso pai pronunciava as palavras com tanto gosto quanto dava os sorrisos de boca torta. Os lábios se viravam não para baixo, como os do tio Willie, mas para o lado, e a cabeça ficava para um lado ou para o outro, mas nunca reta sobre o pescoço. Ele tinha o ar de um homem que não acreditava no que ouvia e nem no que ele mesmo estava dizendo. Foi o primeiro cínico que conheci. “Então, esse é o homenzinho do papai? Garoto, alguém já disse que você se parece comigo?”. Ele estava com Bailey em um braço e eu no outro. “E a garotinha do papai. Vocês têm sido bonzinhos, não? Ou acho que o Papai Noel teria me contado.” Senti tanto orgulho dele que foi difícil esperar que a fofoca de que ele estava na cidade se espalhasse. As crianças não ficariam surpresas com o quanto nosso papai era lindo? E que ele nos amava o bastante para ir até Stamps nos visitar? Todo mundo conseguia ver pelo jeito como ele falava e pelo carro e pelas roupas que ele era rico e talvez tivesse um castelo na Califórnia. (Mais tarde eu soube que ele era porteiro no luxuoso Breakers Hotel em Santa Monica.) Mas, de repente, a possibilidade de ser comparada com ele me ocorreu, e eu não queria que ninguém o visse. Talvez ele não fosse meu verdadeiro pai. Bailey era filho dele, isso era verdade, mas eu era uma órfã que eles pegaram para dar companhia a Bailey.

Eu sempre tinha medo quando o pegava me olhando, e queria poder ficar pequenininha como o Pequeno Polegar. Sentada à mesa um dia, eu segurei o garfo com a mão esquerda e espetei um pedaço de frango frito. Coloquei a faca na segunda abertura, como nos ensinaram, e comecei a cortar junto ao osso. Meu pai soltou uma gargalhada profunda, e olhei para ele. Ele me imitou, os dois cotovelos subindo e descendo. “O bebê do papai vai sair voando?” Momma riu, e tio Willie também, e até Bailey deu uma risadinha. Nosso pai sentia orgulho de seu senso de humor.

Durante três semanas, o Mercado ficou cheio de gente que tinha estudado com ele ou ouvido falar dele. Os curiosos e invejosos se

aproximavam, e ele se exibia, lançando um monte de palavras rebuscadas para todo lado e debaixo dos olhos tristes do tio Willie. Um dia, ele disse que tinha que voltar para a Califórnia. Fiquei aliviada. Meu mundo ficaria mais vazio e mais seco, mas a agonia de tê-lo invadindo cada segundo particular acabaria. E a ameaça silenciosa que pairara no ar desde sua chegada, a ameaça de ele ir embora um dia, acabaria. Eu não teria que me questionar se o amava ou não, nem teria que responder se “O bebê do papai quer ir para a Califórnia com o papai?”. Bailey tinha dito para ele que queria ir, mas eu fiquei quieta. Momma também ficou aliviada, embora tivesse se divertido cozinhando coisas especiais para ele e exibindo o filho californiano para os camponeses do Arkansas. Mas tio Willie estava sofrendo sob a bombástica pressão do nosso pai e, no estilo mamãe passarinho, Momma estava mais preocupada com o filhote aleijado do que com o que podia voar para longe do ninho.

Ele ia nos levar junto! Essa informação zumbiu nos meus dias e me fez pular inesperadamente como uma pipoca na panela. Todo dia eu encontrava tempo para andar até o lago onde as pessoas iam pegar perca-sol e robalo riscado. As horas que eu escolhia para ir lá eram cedo demais ou tarde demais para pescadores, de forma que o local ficava só para mim. Eu sentava na margem da água verde-escura e meus pensamentos deslizavam como aranhas de água. Agora por aqui, agora por ali, agora pelo outro lado. Eu devia ir com meu pai? Devia me jogar no lago e, sem poder nadar, me juntar ao corpo de L.C., o garoto que se afogou no verão anterior? Devia implorar para Momma me deixar ficar com ela? Podia dizer para ela que assumiria as tarefas de Bailey e faria as minhas também. Teria coragem de tentar a vida sem Bailey? Eu não conseguia decidir nada, então recitava alguns versos da Bíblia e ia para casa.

Momma cortou algumas roupas trocadas com ela por empregadas de mulheres brancas e ficava até tarde na sala de jantar costurando suéteres e saias para mim. Ela parecia triste, mas cada vez que eu a via me olhando, ela dizia, como se eu já tivesse desobedecido: “Seja uma

boa menina agora. Está ouvindo? Não faça as pessoas acharem que não criei você direito. Está ouvindo?”. Ela ficaria mais surpresa do que eu se tivesse me tomado nos braços e chorado por me perder. Seu mundo era cercado por todos os lados de trabalho, deveres, religião e a “casa dela”. Acho que ela nunca soube que um amor profundo e reflexivo acompanhava tudo em que tocava. Em anos posteriores, eu perguntava se ela me amava e ela me dispensava dizendo: “Deus é amor. Só se preocupe se está sendo uma boa menina e Ele vai amar você”.

Sentei no banco de trás do carro, com as malas de couro do papai e nossas caixas de papelão. Apesar de as janelas estarem abertas, o cheiro de frango frito e torta de batata-doce parecia preso ali dentro, e não havia espaço para eu me esticar. Sempre que pensava no assunto, papai perguntava: “Está confortável aí atrás, bebê do papai?”. Ele nunca esperava para ouvir minha resposta, que era “Sim, senhor”, para retomar sua conversa com Bailey. Ele e Bailey contaram piadas, e Bailey ria o tempo todo, apagava os cigarros do papai e colocava a mão no volante quando o papai dizia “Vamos, garoto, me ajude a dirigir essa coisa”.

Depois que me cansei de passar pelas mesmas cidades uma atrás da outra, de ver as mesmas casas com aparência de vazias, pequenas e hostis, me fechei para tudo, exceto os sons de beijos dos pneus no asfalto e o gemido regular do motor. Eu estava muito contrariada com Bailey. Não havia dúvida de que ele estava tentando amolecer o papai; ele até começou a rir como ele, um Papai Noel Jr. com seu “Ho, ho, ho”.

“Como vai ser ver a sua mãe? Você vai ficar feliz?”, ele estava perguntando a Bailey, mas as palavras penetraram no isolamento em que eu tinha embrulhado meus sentidos. Nós íamos vê-la? Achava que íamos para a Califórnia. De repente, fiquei apavorada. E se ela risse de nós como ele riu? E se tivesse outros filhos agora, que estavam com ela? “Quero voltar para Stamps”, eu disse. Papai riu. “Você quer dizer que o bebê do Papai não quer ir para St. Louis ver a própria mãe? Ela não vai comer você, sabia?”

Ele se virou para Bailey, e olhei para a lateral do rosto dele; ele era tão irreal para mim que parecia que eu estava vendo uma boneca falar.

“Bailey Junior, pergunte à sua irmã por que ela quer voltar a Stamps”, ele falou, mais como um homem branco do que como um Negro. Talvez fosse o único homem branco de pele marrom do mundo. Seria típico da minha sorte que o único fosse meu pai. Mas Bailey ficou quieto pela primeira vez desde que saímos de Stamps. Acho que também estava pensando em como seria ver nossa Mãe. Como uma criança de oito anos podia conter tanto medo? Ele engole e segura o medo atrás das amídalas, aperta os pés e fecha o medo entre os dedos dos pés, contrai as nádegas e o empurra para trás da glândula da próstata.

“Junior, o gato comeu sua língua? O que você acha que sua mãe vai dizer quando eu contar que os filhos não queriam vê-la?” O pensamento de que ele *ia* contar para ela atingiu a mim e a Bailey ao mesmo tempo. Ele se inclinou por cima do encosto do banco: “My, é a Mamãe Querida. Você sabe que quer ver a Mamãe Querida. Não chore”. Papai riu e se virou no banco e perguntou para si mesmo, eu acho: “O que ela vai dizer ao ouvir isso?”.

Parei de chorar, pois não havia chance de voltar para Stamps e para Momma. Bailey não ia me apoiar, deu para perceber, então decidi calar a boca e parar de chorar e esperar para ver o que o encontro com a Mamãe Querida traria.

Em St. Louis fazia um tipo novo de calor, e a cidade era suja de um jeito novo. Minha lembrança não tinha imagens dos prédios espremidos e sujos de fuligem. Até onde eu sabia, nós estávamos sendo levados para o Inferno, e nosso pai era o entregador do diabo.

Só em emergências rigorosas Bailey me permitia falar a língua do pé com ele na frente de adultos, mas eu tinha que correr o risco naquela tarde. Estava certa de que nós tínhamos dobrado na mesma esquina umas cinquenta vezes. Perguntei a Bailey: “Vopocepê apachapa quepe epelepe épé nopossopo paipai oupou apachapa quepe nóspós espestapamospos senpendopo sepequespestradospos?”. Bailey disse: “My, estamos em St. Louis e vamos ver Mamãe Querida. Não se preocupe”. Papai riu e disse: “Porpo quepê eupeu ipiapa quepererper sepequespestrarpar vopocepês? Vopocepê apachapa quepe vopocespês

sãopão cripianpançaspas dapa fapamípiliapa Lindpindbergperg?”. Eu achava que meu irmão e os amigos dele tinham criado a língua do pê. Ouvir meu pai falá-la não me surpreendeu tanto, mas me irritou. Era apenas mais um caso das artimanhas dos adultos no que dizia respeito a crianças. Mais um caso da Traição dos Adultos.

Descrever minha mãe seria escrever sobre um furacão em seu poder perfeito. Ou as cores subindo e descendo pelo arco-íris. Nós tínhamos sido recebidos pela mãe dela e esperamos na beirada da cadeira na sala lotada de móveis (papai falava naturalmente com nossa avó, como os brancos falam com os Negros, sem constrangimento e sem remorso). Nós dois estávamos com medo da chegada da nossa mãe e impacientes com sua demora. É incrível quanta verdade existe nas duas expressões: “ficar mudo” e “amor à primeira vista”. A beleza da minha mãe me massacrou. Os lábios vermelhos (Momma dizia que era pecado usar batom) se abriram e exibiram dentes brancos retos, e sua cor de manteiga fresca parecia transparente de tão limpa. Seu sorriso arreganhou a boca para além das bochechas, para além das orelhas e, aparentemente, pelas paredes até a rua lá fora. Fiquei muda. Soube imediatamente por que ela me mandou para longe. Ela era linda demais para ter filhos. Eu nunca tinha visto uma mulher tão linda quanto a que se chamava “Mãe”. Bailey, por sua vez, se apaixonou instantaneamente e para sempre. Vi seus olhos brilhando como os dela; ele tinha esquecido a solidão e as noites em que choramos juntos porque éramos “crianças indesejadas”. Ele nunca tinha saído do colo quente dela ou compartilhado o vento gelado da solidão comigo. Ela era a Mamãe Querida dele, e eu me resignei à sua condição. Eles eram mais parecidos do que ela e eu, ou mesmo ele e eu. Os dois tinham beleza física e personalidade, então concluí que fazia sentido.

Nosso pai foi embora de St. Louis para a Califórnia alguns dias depois, e eu não fiquei nem feliz nem triste. Ele era como um estranho para nós, e se decidia nos deixar com uma estranha, não havia problema.